

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA □ LICENCIATURA**

**SUZAN PEREIRA DAVID**

**BULLYING: CONCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
DA EDUCAÇÃO E ALUNOS**

Porto Alegre  
Outubro de 2010.

**SUZAN PEREIRA DAVID**

**BULLYING: CONCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS  
DA EDUCAÇÃO E ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul □ FACED/UFRGS.

**ORIENTADOR:**  
**Prof. Dr. Luiz Carlos Bombassaro**

**TUTORA:**  
**Celi Lutz Lindenmeyer**

**Porto Alegre  
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Reitor:** Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor:** Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-Reitora de Graduação:** Prof<sup>ª</sup>. Valquiria Link Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia** □ **Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragon de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a todos que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos neste fenômeno que abala as instituições de ensino, principalmente às crianças e jovens, vítimas ou agressores, que ainda estão à espera de algo ou

alguém que lhes explique ou exemplifique como sobreviver às dissoluções da sociedade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço...

... Primeiramente a Deus, por manter-me persistente e no caminho certo para concluir este trabalho, apontando-me os obstáculos não como um motivo para retroceder, mas como estímulos para seguir em frente.

... Aos alunos que, através de sua colaboração, tornaram possível minha pesquisa.

... Às minha amigas, por sua incansável paciência e palavras de estímulo.

... Aos meus pais, que não posso ver, mas que, com certeza, estão vendo a minha realização. Obrigada por me ajudarem a ser o que sou!

... Aos meus filhos, por me amarem, estarem comigo, me apoiarem e acreditarem no meu sucesso.

... À grande amiga Rúbia, coordenadora da Escola São Carlos, que muito me ajudou e contribui para este trabalho.

... À tutora Celi, pela dedicação, carinho, paciência e sabedoria com que me orientou.

... À equipe docente do Pead que me acompanhou ao longo do curso e que auxiliou na minha formação acadêmica.

Obrigada!

*“O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer”. (Albert Einstein).*

*“Uma vez que a guerra nasce no espírito dos homens, é no espírito dos homens que se devem erguer as defesas da paz”. (Archibald McLeisch)*

## RESUMO

Atualmente, a agressividade e a indisciplina escolar têm merecido destaque na pauta das reuniões pedagógicas em muitas instituições de ensino, gerando opiniões diversificadas sobre suas causas e consequências e promovendo debates, muitas vezes sem nenhuma conclusão, sobre os mesmos. Discorrer e refletir sobre o tema não é um assunto novo, porém, muito recentemente, recebeu uma nova denominação: *bullying*. A realidade escolar continuamente nos remete a reflexões, principalmente com relação ao nosso exercício diário como professores. Entre os temas que exigem esta reflexão está a prática do *bullying*, um termo já conhecido pela sociedade, mas, mesmo assim, ainda não compreendido em seus vários aspectos, sendo confundido, erroneamente, com atos disciplinares e atitudes agressivas, que são, também, preocupantes e merecem a atenção da comunidade escolar. Este trabalho foi objetivado pelo propósito de refletir sobre o fenômeno do *bullying* dentro dos muros escolares. Através de questionário respondido por profissionais de educação e duas turmas, uma de 5ª e outra de 8ª série, de uma escola pública municipal, verifiquei e relatei as compreensões, semelhantes ou adversas, que o público alvo tem sobre o tema. Foi desenvolvido, após o questionário, com as duas turmas, uma exposição de imagens e textos que tiveram como objetivo principal conscientizar os alunos de que a juventude atual é a esperança de um futuro mais promissor e que dela depende, principalmente, o reverso de todos esses sentimentos de raiva e violência que têm gerado trágicas consequências. Nesta exposição, constou o conceito da palavra *bullying*, textos que promoviam a reflexão e sensibilização dos alunos visando sua autoestima e um vídeo de uma palestra de um deficiente físico que superou os obstáculos decorrentes de sua

deficiência. A partir das respostas dos questionários, de alunos e profissionais de educação, conclui que o assunto *bullying* é muito pouco conhecido entre o público entrevistado, sendo confundido, como citado anteriormente, com atos de indisciplina e violência. Não que o bullying não seja caracterizado como um ato de violência, mas se diferencia pela frequência em que é praticado, pelo alvo que pretende atingir e pelos resultados que promove. Toda criança tem direito à educação e é dever da escola garantir o seu acesso a um ambiente sadio e livre de toda ou qualquer discriminação. A escola, como ambiente social que reúne grupos e onde são oportunizadas relações interpessoais é palco, também, da maioria dos casos de *bullying* de que se tem conhecimento e tem, portanto, o dever supremo de contribuir para o desenvolvimento moral de seus alunos, pois este desenvolvimento também faz parte da aprendizagem. É urgente que a comunidade escolar tenha amplo conhecimento sobre o assunto, pois o bullying é uma prática crescente, com sérias consequências e que tem preocupado toda a sociedade. Uma vez que a escola é um lugar onde se fazem amigos e a meta da educação é a de formar indivíduos autônomos e cooperativos, esta tem o dever de garantir a socialização e a formação moral de seus discípulos, aprofundando, assim, a harmonia entre sua população e uma geração mais pacífica.

**Palavras-chave:** Agressividade, violência, bullying.



## **ABSTRACT**

Currently, the school aggression and indiscipline have been highlights in the agenda of the meetings in many educational institutions of education, generating diverse opinions about its causes and consequences, including holding hearings, often without any conclusion about them. Discuss and reflect on the theme is not a new subject, but, very recently received a new name: bullying. The school reality continually refers to ideas, especially with regard to our daily practice as teachers. Among the issues that require this reflection, are the practice of bullying, a term already known by the company, but still not yet understood in its various aspects, being confused erroneously with unruly and aggressive acts, which are also concern and deserves the attention of the school community. This work was aimed for reflecting on the phenomenon of bullying within the school walls. Through a questionnaire answered by professionals in education and two classes, one of fifth and another 8<sup>th</sup> grade in a public school, checked and listed understandings, or similar adverse conditions, the target audience has on the subject. It was developed after the questionnaire with two classes, an exhibition of images and texts that had as main objective to educate students that today's youth is the hope of a brighter future and that it depends mainly on the reverse of all these feelings of anger and violence that have caused tragic consequences. In this exhibition, the concept consisted of the word bullying, texts that promoted reflection and awareness of students seeking their self-esteem and a video of a lecture by a disabled person who has overcome obstacles arising from their disability. From the questionnaire responses, students and school officials, concludes that the issue bullying very little is known among the public respondent, being confused, as previously mentioned,

with acts of indiscipline and violence. Not that bullying is not characterized as an act of violence, but differs in the frequency that is practiced by the target you want to achieve and the results it promotes. Every child has the right to education is the duty of the school and ensure their access to a healthy and free from any discrimination or anything. The school as a social environment that brings together groups and where interpersonal relationships are opportunized stage is also the most cases of bullying that is known and is therefore the supreme duty of contributing to the moral development of their students, because this development is also part of learning. It is urgent that the school community has extensive knowledge on the subject, because bullying is a growing practice with serious consequences and that has worried the whole society. Since the school is a place where they make friends and goal of education is to form cooperative and autonomous individuals, it has a duty to ensure socialization and moral training of his disciples, bailing, well, the harmony between population and a more peaceful generation.

Keywords: Aggression, violence, bullying.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Conhecimento sobre o fenômeno do bullying .....	27
Figura 2: Já sofreu algum tipo de violência na escola? .....	29
Figura 3: Casos mais incidentes na escola .....	30
Figura 4: Regularidade da incidência dos casos .....	31
Figura 5: Gênero dos envolvidos no bullying .....	32
Figura 6: Fatores atribuídos ao bullying .....	34
Figura 7: Personagens nos casos de bullying .....	36
Figura 8: Local onde são praticadas as violências .....	37
Figura 9: Causas de agressões .....	39
Figura 10: Classe social dos agressores .....	41
Figura 11: Aspecto físico dos agressores .....	42
Figura 12: Emoções sofridas pelas vítimas .....	44
Figura 13: Atitudes dos espectadores .....	46

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 BULLYING</b> .....	16
<b>2 POSSÍVEIS CAUSAS</b> .....	18
<b>3 E A ESCOLA, O QUE TEM COM ISSO?</b> .....	21
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	26
4.1 Etapas da pesquisa .....	26
<b>5 APRESENTANDO E ANALISANDO OS RESULTADOS</b> .....	27
5.1 Você já ouviu falar sobre <i>bullying</i> ? .....	27
5.2 Você já sofreu algum tipo de violência na sua escola? .....	29
5.3 Casos mais incidentes na escola .....	30
5.4 Com que regularidade acontecem? .....	31
5.5 Quem são os envolvidos em <i>bullying</i> ? .....	32
5.6 Que fatores são atribuídos ao <i>bullying</i> ? .....	34
5.7 Dos personagens em caso de <i>bullying</i> , a maioria é: .....	36
5.8 Onde ocorre, com maior frequência, a prática do <i>bullying</i> ? .....	37
5.9 Causas de agressões, que ocorrem com maior frequência: .....	39
5.10 Qual a classe social dos agressores, em relação às vítimas? .....	41
5.11 Quanto ao aspecto físico do agressor em relação .....	42
5.12 Emoções sofridas pelas vítimas: .....	44
5.13 Atitudes mais frequentes dos espectadores da agressão: .....	46
5.14 Relatos de casos de <i>bullying</i> , presenciados .....	47

5.15 Casos não presenciados, mas que sensibilizaram .....	49
<b>6 REGÊNCIA .....</b>	<b>52</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>60</b>
Anexo 1 Questionário respondido pelos profissionais de educação .....	60
Anexo 2 Questionário respondido pelos alunos .....	62
Anexo 3 Texto: As palavras cor-de-rosa e as palavras cinzentas .....	65
Anexo 4 Texto da apresentação do PowerPoint .....	67
Anexo 5 Endereço do vídeo com a palestra de Nick Vuijicic .....	70

## INTRODUÇÃO

Muito se tem falado – na mídia – sobre a prática da violência dentro das instituições de ensino. Em virtude disto e de minhas observações do comportamento agressivo de certos alunos, percebi o quanto é importante estudar o assunto. É importante salientar que, muitas vezes, um ato considerado violento para o professor, não passa de uma brincadeira dos alunos.

Este assunto não é novidade dentro das instituições de ensino, porém, muito recentemente é que recebeu a denominação *Bullying*, fato que justifica a alienação de muitos dos personagens envolvidos na educação sobre a concepção deste fenômeno. Meu principal objetivo, com este trabalho, é conhecer a concepção de professores e alunos sobre esse fenômeno que está abalando as estruturas das escolas e preocupando a sociedade do mundo todo.

Objetivando realizar este trabalho, conversei com professores e duas turmas da escola, aplicando um questionário sobre o assunto e, logo após o registro das respostas, fiz uma sensibilização com os alunos, explicando o fenômeno e suas consequências.

Para fomentar este trabalho, baseei-me no livro de Gabriel Chalita *Pedagogia da Amizade*, que aborda o assunto e exemplifica histórias reais de dor e superação, de fracasso e de sucesso; e no trabalho de Lídia Aratangy, psicóloga e estudiosa deste fenômeno. Usei, também, como suporte, outros referenciais teóricos, destinados mais à postura do professor e da escola, numa perspectiva de encantar a criança e o adolescente e encantar-se com a presença delas.

Não se pode desconsiderar a importância de um ambiente escolar agradável e pacífico, pois, com estas características a escola favorecerá uma convivência harmoniosa

entre os seus integrantes, promovendo uma boa aprendizagem e a socialização dos educandos.

São poucas as incidências, em nossa escola, de atos violentos e a maioria dos casos abusivos de força e superioridade acontecem fora dos muros escolares. Ainda assim, são fatos preocupantes, pelas consequências que sofrem os participantes □ vítimas ou agressores – e pelo abalo que põe em dúvida o principal objetivo da escola: promover o conhecimento, a educação e a formação dos alunos.

Assim sendo, o presente trabalho justifica-se mediante pesquisa, feita com alunos e professores de uma escola municipal, evidenciando que este fenômeno □ crescente e preocupante - que atinge nossas crianças e jovens merece mais atenção e estudo, pois a nova geração de adultos depende da conscientização de nossos alunos de hoje.

Espero, com a realização de minhas pesquisas, contribuir na discussão sobre este tema que tanto tem afligido nossa sociedade e, se possível, ajudar a erradicar atos violentos dentro de nossa comunidade escolar, conscientizando os partícipes de que o melhor caminho sempre será a harmonia entre os seres.

## 1 BULLYING

Os meios de comunicação, não raras vezes, apresentam acontecimentos violentos protagonizados por alunos, nas escolas. Há muito tempo atrás, ouvia-se falar exatamente o contrário, professores que utilizavam a violência como metodologia de educação: castigos físicos, humilhações verbais.

Para a palavra *bullying* não existe tradução para a língua portuguesa. Conforme referencial teórico, este termo compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais contra outro ou outros, causando dor e angústia, e executadas dentro de relações desiguais de poder, que tornam possível a intimidação da vítima. Esta palavra é usada para descrever tipos diferentes de comportamentos que objetivam ferir ou controlar outra pessoa: colocar apelidos maldosos, dizer palavrões, ameaçar fisicamente, difamar, zoar, humilhar, fazer sofrer, levando a vítima ao isolamento, à queda do rendimento escolar, a alterações emocionais, à depressão e ao suicídio, como em casos ocorridos no mundo e divulgados pelos meios de comunicação.

Considerando que a escola é o espaço onde múltiplas personalidades convivem diariamente, é quase normal o conflito de opiniões e interesses, mas a intensidade com que a violência está conquistando o espaço escolar e o número cada vez maior de envolvidos é preocupante e tem merecido a atenção de pais, professores e sociedade do mundo todo, gerando muitas opiniões sobre as causas e sensibilizando toda a comunidade pelas consequências que tem promovido.

Existe a violência à escola (ameaças, insultos e agressões a professores e funcionários, depredação do patrimônio público), violência na escola (alunos que se agredem, física e verbalmente) e violência da escola (atos de exclusão, castigos infundados,



métodos discriminados de avaliação). Por mais que se queira argumentar contra as evidências, dissimulando os fatos, direta ou indiretamente, estas três práticas de violência se encontram presente em todas as instituições de ensino e quando se fala em erradicar a prática do *bullying*, é necessário agir em todas as esferas ligadas à educação: pais, alunos, professores, comunidade escolar.

A humanidade tem avançado tecnologicamente, porém no que tange ao relacionamento entre os pares, estagnou ou retrocedeu, tornando o homem cada vez mais individualista e solitário.

Conforme uma reportagem na revista Nova Escola, número 233, a prática do *bullying* já alcançou, também, o mundo virtual, tornando ainda mais difícil identificar o infrator e interromper suas consequências.

Na Internet e no celular, mensagens com imagens e comentários depreciativos se alastram rapidamente e tornam o *bullying* ainda mais perverso. Como o espaço virtual é ilimitado, o poder de agressão se amplia e a vítima se sente acuada mesmo fora da escola. E o que é pior: muitas vezes, ela não sabe de quem se defender. (NOVA ESCOLA, p.67)

## 2 POSSÍVEIS CAUSAS

Os esforços de entidades envolvidas com a educação, estudiosos e população, até então, em entender os motivos de tanta violência, agressividade e indisciplina não atingiram seus objetivos. Há quem defenda que o histórico – econômico e cultural – da sociedade escolar, o berço do aluno, tem um grande peso dentro das motivações de violência e descaso pelo semelhante. Outro fator possível de gerar comportamentos agressivos é o antagonismo entre aluno/professor/escola, principalmente quando o educador se depara com situações adversas aos seus conhecimentos, obrigando-o a agir com demasiada autoridade, exigindo respostas de quem não se identifica como infrator e está apenas colocando um pedido de socorro nos atos insubordinados.

Segundo as palavras de Beaudoin (2007), “O comportamento do bullying tem a ver com o fato de as crianças estarem infelizes, zangadas e sentirem-se desvinculadas e/ou impotentes em outras áreas de suas vidas”, ou seja, é necessário implementar consequências razoáveis para os praticantes de *bullying*, mas uma simples punição, sozinha, não ataca o cerne do problema, somente o sintoma. A escola também precisa atacar os fatores que contribuem para os atos de violência, embora o comportamento do aluno ou alunos, em si, seja desprezível, a criança ainda é maior do que o problema e somente a partir de um lugar de compreensão da complexidade da experiência de uma criança é que o educador pode começar a responder de maneira eficiente aos casos de violência e agressividade.

Existem, porém, outras teorias sobre os motivos de tanta agressividade e menosprezo pelo próximo. Uma delas nada tem a ver com o contexto familiar da criança e sim com um sentimento de covardia e não de infelicidade.

Pensar que a maldade é somente decorrência da infelicidade é um diagnóstico exagerado e desesperadamente otimista. Quem agride é desprovido de senso moral.

O agressor pensa as relações sociais por intermédio de hierarquias: se está por cima, ele bate; se está por baixo, ele cala.

(YVES DE LA TAILLE, 2007).

La Taille descarta a hipótese de que o agressor é necessariamente “infeliz”, tem necessariamente baixa-estima, mas concorda, com outro ponto de vista, que o bem-estar existencial deste mesmo indivíduo seja inferior ao de uma pessoa virtuosa.

A opinião de Beaudoin, sobre o assunto, é corroborada pelas palavras do Dr. Fassler, psiquiatra de adolescentes e crianças, especializado na prevenção de distúrbios psiquiátricos e, também, professor do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Vermont, afirmando que a violência infantil e de jovens pode ser motivada pelo estado de espírito em que o indivíduo se encontra naquele momento. Uma criança dócil e participativa pode, de um momento para o outro, tornar-se violenta e esta agressividade inesperada pode decorrer de uma profunda tristeza.

A depressão infantil não é um fato tão incomum como se pensa e é diagnosticada de forma errada, pois apresenta muitos sintomas, desde “sentir-se triste” a “sentir-se bravo”, de afastar-se dos outros a atacá-los violentamente. Uma criança deprimida pode apresentar repetidos acessos de raiva, choramingar e gritar frequentemente, ou recusar-se, com teimosia, a seguir regras.

Segundo Jaqueline Picetti, citando Piaget (1987), existe, no indivíduo, um desenvolvimento intelectual e um desenvolvimento da moralidade. O desenvolvimento da moralidade tem seu processo relacionado com as relações sociais. A criança não é desprovida de moral porque mora em locais pobres de virtude (o que seria uma concepção empirista, onde a pressão do meio atua sobre o espírito sem a atividade do sujeito) e, também, não é desprovida de moral porque, geneticamente, herdou dos progenitores e não há possibilidade de mudanças (o que seria uma concepção inatista).

Piaget (1987) conclui, em suas pesquisas, que o espírito evolui do fenomenismo, que se situa a meio caminho entre o corpo e o meio externo, até a experimentação ativa, que penetra no interior das coisas (interacionismo), descartando a concepção empirista e inatista como explicações da construção do conhecimento nas pessoas. (PICETTI).

Conforme o texto de Jaqueline Picetti, devemos observar que muitos dos atos de violência, por parte dos alunos, é apenas uma forma de a criança fazer justiça, correspondendo ao modo que ela entende por “justiça”, ou seja, é um reflexo das sanções (punições) que recebeu como ensinamento moral. Para Piaget, existem dois tipos de reações em relação às sanções recebidas pela criança. O primeiro se junta com regras de autoridade e com a coação, se for quebrada, há um castigo doloroso e arbitrário (sem qualquer relação com a ação que motivou o castigo), mas proporcional à gravidade da falta, o que leva a criança à violência física pelo simples fato de que, se errou, deve ser punido. O segundo está relacionado às regras de igualdade e à cooperação, interiormente, a criança aceita e compreende a sua existência como necessária à formação de vínculos sociais recíprocos e a quebra desses vínculos já é um castigo suficiente, não havendo necessidade de sofrimentos físicos.

(...) o adulto deve ser um colaborador e não um mestre, do ponto de vista moral e racional (...) realizemos, na escola, um meio tal que a experimentação individual e a reflexão em comum se chamem uma à outra e se equilibrem. (Piaget, 1994 apud PICETTI, p.3).

Sendo assim, podemos considerar que a violência no contexto escolar tanto pode decorrer da situação de violência no cotidiano do aluno – seja vivenciada ou não, como pode, também, expressar um antagonismo com o próprio ambiente escolar, sem descartar as situações emocionais da criança, que pode estar em um estado de depressão sem motivos aparentes. Mas não podemos desconsiderar cada caso e generalizar os diagnósticos. Cada caso é um caso. A única coisa que não pode ser alterada é a posição da escola, principalmente a participação e colaboração do professor.

### 3 E A ESCOLA, O QUE TEM COM ISSO?

Independente dos motivos que levam o aluno a ser indisciplinado, violento, a negligenciar regras, a escola, como ambiente social que reúne grupos, que possui relações de respeito e que tem como fundamento a educação, tem o dever de contribuir para o desenvolvimento moral de seus alunos, pois este desenvolvimento também é parte da aprendizagem.

Muitos professores, pais e diretores de escola tentam controlá-lo (*o bullying*) punindo comportamentos indesejáveis, mas a punição sozinha raramente reduz o comportamento de *bullying*. Em vez disso, os alunos maltratam os outros de modo mais furtivo e, às vezes, ocorre até um aumento nos gestos de agressão.

(...) os educadores precisam descobrir dentro de si um modo de sentir compaixão pela criança que faz ameaças e intimidações (...) Somente a partir de um lugar de compreensão da complexidade da experiência de uma criança é que o educador pode começar a responder de maneira eficiente aos casos de *bullying*. (BEAUDOIN)

Encontram-se, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, excelentes argumentos que evidenciam o quanto à escola é importante para a elevação moral de seus alunos, independente de suas histórias de vida.

As pessoas não nascem boas ou ruins; é a sociedade, quer queira, quer não, que educa moralmente seus membros, embora a família, os meios de comunicação e o convívio com outras pessoas tenham influência marcante no comportamento da criança. E, naturalmente, a escola também tem. É preciso deixar claro que ela não deve ser considerada onipotente, a única instituição social capaz de educar moralmente as novas gerações. Também não se pode pensar que a escola garanta total sucesso em seu trabalho de formação. Na verdade, seu dever é limitado. Todavia, tal diagnóstico não justifica uma deserção. Mesmo com limitações, a escola participa da formação moral de seus alunos. Valores e regras são transmitidos pelos professores, pelos livros didáticos, pela organização institucional, pelas

formas de avaliação, pelos comportamentos dos próprios alunos, e assim por diante. (PCN. Volume 8, p.73).

Como o objetivo da educação é o de formar indivíduos autônomos e cooperativos, a escola, como ambiente de socialização, deve oportunizar para que seus alunos se desenvolvam em um ambiente de cooperação e garantir, também, a formação moral dos mesmos.

A prática educativa deve propiciar relações, treinar a experiência do ser social que pensa, se comunica, que tem sonhos, que ama, que tem conflitos e baseado em tudo isto, o educador deve estar a par da vida social do aluno, porque é nela que ele vive sua realidade no dia-a-dia, é nela que ele desenvolve seus instintos e é a partir dela que a indisciplina e o antagonismo às regras pode florescer. Compreender o processo sob o qual os alunos adquirem as regras sociais e morais é fundamental para que o professor entenda as causas da agressividade na escola.

O educador jamais poderá transformar a sua autoridade em autoritarismo, porque ensinar não é transferir sabedorias e sim, oportunizar a construção do conhecimento, pois o aluno é um ser inacabado e precisa de estímulos para desenvolver sua transformação num ambiente de liberdade.

Minha experiência docente, com crianças e adolescentes (já atuei em classes de 1º ano a 8ª série e EJA) deu-me suporte para afirmar que a afetividade é um importante aliado nas intenções pedagógicas, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis na construção da socialização e do conhecimento. Hoje, a antiga preocupação com “o que ensinar” já é, evidentemente, acompanhado com o “como ensinar”, pois a escola é um espaço de multiplicidades onde diferentes valores, experiências, concepções, culturas, crenças e relações sociais se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos.

(...) para que as regras morais sejam efetivamente legitimadas, é preciso que sejam partes integrantes do respeito próprio, ou seja, que o auto-respeito dependa, além dos diversos êxitos na realização dos projetos de vida, do respeito pelos valores e regras morais. Assim, a pessoa que integrar o respeito pelas regras morais à sua identidade moral, à imagem positiva de si, com grande probabilidade agirá conforme tais regras. Em resumo, a dimensão afetiva da legitimação dos valores e regras morais passa, de um lado, por identificá-los como coerentes com a realização de

diversos projetos de vida e, de outro, pela absorção desses valores e regras como valor pessoal que se procura resguardar para permanecer respeitando a si próprio. Assim, o autorrespeito articula, no âmago de cada um, a busca da realização dos projetos de vida pessoais e o respeito pelas regras coerentes com tal realização. (PCN, Volume 8, p. 79).

Uma relação de afetividade não implica em nunca pronunciar um não, a agir sem autoridade, a permitir tudo que for agradável à criança, ao contrário, é agir com autoridade, sem autoritarismo, é exemplificar, com suas próprias atitudes, as regras de boa conduta, é ensinar a amar, amando.

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito. Portanto, é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. (IÇAMI TIBA, p. 117).

Assim como uma relação de afetividade é essencial para qualquer relacionamento entre pares, a disposição do professor em iniciar esta relação é inquestionável. Sabe-se que “ser professor”, hoje em dia, não é uma tarefa fácil e não vem ao caso, neste trabalho, citar os motivos de desânimo na prática docente. Porém, como um indivíduo adulto, culto e esclarecido, o professor tem uma obrigação moral de deixar seus problemas particulares fora dos muros escolares e adotar uma atitude de bom humor, de alegria, considerando sempre o elemento “expectativa” em relação a seu trabalho e a seus alunos, que norteiam todo o entusiasmo em abnegação da atividade pedagógica.

Conforme Içami Tiba (1996), “além de desarmar mecanismos de defesa contra a autoridade, o bom humor cria a empatia entre professor e aluno”.

Se uma criança é agressiva, não é com agressividade e regras impostas à força que ela vai mudar seus hábitos, muito pelo contrário, é com muita paciência e dedicação que um professor vai provar a seu aluno rebelde que a harmonia entre os seres é essencial para uma verdadeira felicidade.

A violência é uma semente colocada na criança pela própria família, que, encontrando terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola, expandindo-se depois em direção à sociedade (...)

(IÇAMI TIBA, p. 152)

Carinho cabe em qualquer lugar e deve estar presente em toda relação em que existe amor. O carinho faz a ordem chegar ao coração.

(IÇAMI TIBA, p. 198).

Uma criança jamais vai implorar um gesto de afeto por parte do professor e da escola. Ele, muitas vezes, coloca este pedido em atos indisciplinados e violentos. Cabe ao professor perceber a necessidade daqueles que lhe foram confiados pelos pais, que durante uma pequena parte do dia dependem do seu exemplo e de sua palavra e que podem lhe servir de espelho, até, para a fase adulta.

Para Augusto Cury, existem bons professores e professores fascinantes.

Bons professores são eloquentes, professores fascinantes conhecem o funcionamento da mente; bons professores possuem metodologia, professores fascinantes possuem sensibilidade; bons professores educam a inteligência, professores fascinantes educam a emoção; bons professores usam a memória como depósito de informações, professores fascinantes usam-na como suporte da arte de pensar; bons professores corrigem comportamentos, professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula; bons professores são mestres temporários, professores fascinantes são mestres inesquecíveis; bons professores educam para uma profissão, professores fascinantes educam para a vida. (CURY, P.57-81)

Na atualidade, a criança não vem para a escola “crua”, ela já recebeu uma série de informações sobre o mundo, já elegeu seus ídolos, já conhece a vida dos “famosos”, boas ou destrutivas, já vivenciou ou presenciou violências, por isso, não basta que a escola tenha bons professores, é essencial, vital, que tenha professores fascinantes.

Segundo Cury, um professor fascinante jamais cometerá o erro de: corrigir publicamente; expressar autoridade com agressividade; ser excessivamente crítico obstruindo a infância da criança; colocar limites sem explicações, ser impaciente e desistir de educar, não cumprir com a palavra; destruir a esperança e os sonhos de uma criança. A sensibilidade, que gera a tolerância, o altruísmo, a gentileza, a solidariedade, sobrepõe-se aos melhores métodos e às máquinas revolucionárias.

As escolas estão plenamente supridas de bons professores, que por variados motivos e razões não alcançam o fascínio que os tornam inesquecíveis. Contudo, a responsabilidade pelo despreparo em lidar com o extraclasse, com o além-conteúdo, não é unicamente do professor. Sua formação profissional e os cursos de capacitação não oferecem habilitações para lidarem com o afeto dos alunos, seus conflitos e seus sentimentos. Por outro lado, também são poucas, ou não existem, capacitações que dotem os professores de percepções



que os tornem capazes de diagnosticar os abalos psíquicos, emocionais ou morais do alunado.

Porém, independente do despreparo em relação ao bullying, a escola e os profissionais de educação não podem negligenciar os fatos. Urge que atitudes e medidas sejam tomadas.

Todo esse processo de sofrimento tem de ser interrompido. O compromisso de educar na escola, na família ou em qualquer ambiente de convivência, além de ético pela natureza da ação, precisa ser afetuoso para acolher agressores, vítimas e espectadores, caso contrário será reprodutor da intolerância, Livrar-se da agressão, e não do agressor, deve ser o propósito de todos. (CHALITA, p.97)

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho apoiou-se numa pesquisa qualitativa, abordando a qualidade de atos considerados violentos presenciados ou sofridos pelos entrevistados, mas também coletou dados de forma quantitativa.

Manteve, também, um caráter exploratório, pois estimulou os entrevistados a narrar casos sobre o tema proposto.

A pesquisa foi realizada numa escola de Ensino Fundamental da rede pública do município de Sapiranga e foram sujeitos da pesquisa três grupos constituintes da comunidade escolar: 17 funcionários da escola (14 professores, dois secretários e dois da equipe diretiva), uma turma de 5ª série e uma turma de 8ª série.

### 4.1 ETAPAS DA PESQUISA

1ª Etapa: coleta de dados por meio de questionário entregue aos professores e funcionários da escola.

2ª Etapa: coleta de dados por meio de questionário aplicado nas duas turmas acima citadas.

3ª Etapa: Explicação do conteúdo da pesquisa e sensibilização. Na turma de 5ª série, além de uma apresentação em slides, foi realizada uma reflexão sobre o conteúdo da história *As palavras cor-de-rosa e as palavras cinzentas* (autor desconhecido).

Na 8ª série, foi assistido a mesma apresentação de slides e, após, uma conversa informal sobre hábitos de educação que se perderam no tempo.

4ª Etapa: Levantamento dos dados obtidos e comparação entre as respostas dos profissionais de educação e dos alunos.

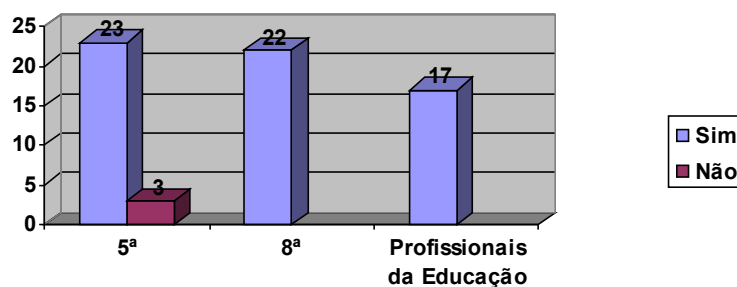
## 5 APRESENTANDO E ANALISANDO OS RESULTADOS

Foram distribuídas, para os funcionários da escola, vinte questionários para a pesquisa, sendo que, a equipe diretiva e os funcionários responderam à minha expectativa, somente três professores que não devolveram, alegando falta de tempo ou desinformação sobre o tema. Das dezessete pessoas que me responderam, duas são do sexo masculino e quinze do sexo feminino.

Quanto ao alunado, a pesquisa foi realizada com duas turmas, uma de 5<sup>a</sup> e outra de 8<sup>a</sup> série. Na 5<sup>a</sup> série, participaram 13 meninas e 13 meninos, perfazendo um total de 26 alunos com a seguinte faixa etária: dois alunos com 10 anos, dezesseis alunos com 11 anos, cinco alunos com 12 anos, um aluno com 13 anos e dois não informaram a idade. Na 8<sup>a</sup> série, foram questionados 22 alunos, 12 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com a seguinte faixa etária: um aluno com 13 anos, dezessete alunos com 14 anos, dois alunos com 15 anos e dois alunos que não informaram a idade.

### 5.1 – Você já ouviu falar sobre *bullying*?

Figura 1



Quando questionados sobre o conhecimento do tema, foi observado que todos os profissionais de educação já ouviram falar sobre *bullying*, mas somente doze citaram o que sabiam a respeito.

Transcrevo o que foi citado pelos colegas:

*“São apelidos dados aos alunos “ diferentes”.*

*“É um tipo de agressão frequente em escolas”.*

*“Humilhação de alguém perante um grupo”.*

*“Apelidos pejorativos e humilhação”.*

*“São diversos tipos de humilhação”.*

*“Agressões físicas ou verbais que causam sofrimento às vítimas”.*

*“São vários dados, como alunos mais fortes explorarem os mais fracos, colocar apelidos, humilhações”.*

*“Sei que pessoas são humilhadas, discriminadas, por motivos banais e chegam a causar até a morte das vítimas”.*

*“É uma forma de violência que acontece nas escolas”.*

*“São ações repetidas de ameaças e agressões físicas, como bater socar, submissões de outros, humilhações, etc”.*

*“É um processo de discriminação contra outros”.”São ações repetidas de ameaças, agressões físicas ou morais, racismo, expor a situações humilhantes”.*

Neste sentido, a partir dos dados descritos acima, todos os entrevistados responderam afirmativamente à questão, mas somente doze pessoas comentaram o que sabiam a respeito, correspondendo à minha concepção de que o *bullying* é um fenômeno conhecido de todos, mas que ainda existe quem não saiba defini-lo.

Conforme Chalita (2008), “nas escolas, o *bullying* é um fenômeno complexo e muitas vezes é confundido com agressão e indisciplina e para solucioná-los, nem sempre bastam os saberes e as habilidades armazenados pela experiência”.

Na 5ª série, 23 dos alunos já ouviram falar de *bullying* e 3 não sabem do que se trata.

Na 8ª série, todos os alunos admitiram que já ouviram falar desse fenômeno.

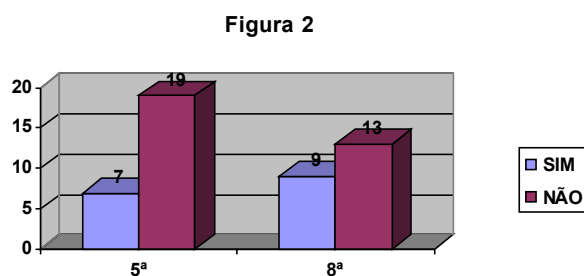
Nenhum desses alunos me questionou sobre o conceito dessa palavra estrangeira, nem mesmo aqueles que afirmaram desconhecer sobre o assunto.

Dos três alunos da 5ª série que responderam negativamente, um admitiu que já sofreu algum tipo de violência em sua escola e relatou um caso de *bullying* que presenciou; um relatou que nunca praticou e nunca foi vítima de bullying e o último disse: “*Eu vi brigar na TV, eu acho que é isso*”. As demais perguntas foram respondidas sem nenhum questionamentos ou demonstração de dúvida, o que torna difícil constatar se conheciam ou não o fenômeno do bullying.

### 5.2) Você já sofreu algum tipo de violência na sua escola?

Essa questão não constou no questionário dos profissionais de educação, pois entre os entrevistados, nunca ocorreu um caso de bullying que se tenha tornado do conhecimento de todos. Antes da pesquisa, em conversa sobre o assunto do meu trabalho, todos afirmaram que jamais sofreram, pessoalmente, esse fenômeno.

Essa questão consta somente no questionário destinado aos alunos.



Na 5ª série, sete alunos responderam afirmativamente e dezenove responderam que não. Na 8ª série, nove responderam que já sofreram algum tipo de violência na escola e treze responderam que não sofreram.

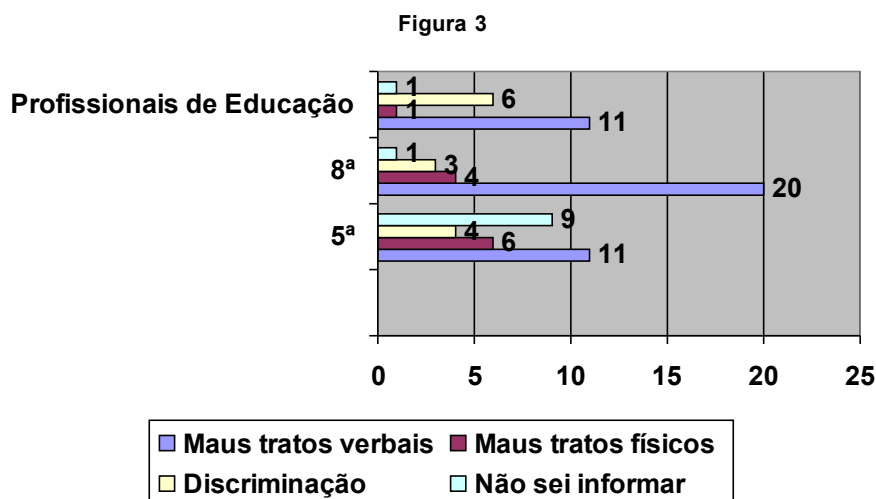
Mais adiante na pesquisa, foi solicitado que descrevessem um caso de bullying que tenham presenciado, sofrido ou praticado. Nenhum aluno descreveu um caso sofrido, o que corrobora com a afirmação de que desconhecem o fenômeno, confundindo com casos isolados de violência ou indisciplina.

### 5.3 – Casos mais incidentes na escola:

Esse tópico admite mais de uma opção, pois não estamos nos referindo a um caso isolado.

No questionário dos professores coloquei um item a mais: maus tratos sexuais, preferindo omiti-los na pesquisa com os alunos, pois é um assunto que melindra muitas das famílias de nossos alunos que provêm de uma comunidade onde a religião não admite conversas desse tipo.

Conforme a Figura 3, para os profissionais da educação, os maus tratos verbais e psicológicos são os casos que mais ocorrem na escola. Esse tópico da pesquisa admitia a opção por mais de um item, porém, somente cinco pessoas optaram por mais de um item, sete consideraram os maus tratos verbais e psicológicos os mais incidentes, quatro acham que a exclusão do grupo é o tipo de violência mais usada e uma admitiu que nunca presenciou um caso de *bullying* na escola, mas sabe que existe. Não existe incidência de maus tratos sexuais e é mínimo o número de maus tratos físicos.



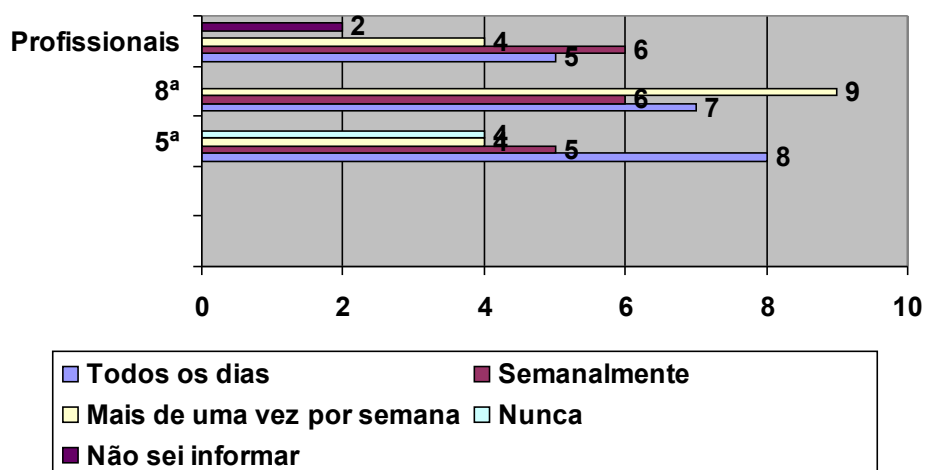
Na 5ª série, apenas dois alunos assinalaram mais de uma opção, um optou pelos três tipos de violência e um por maus tratos verbais e discriminação. Oito alunos entendem que os maus tratos verbais são os tipos de violência que mais ocorrem na escola, cinco alunos

admitem os maus tratos físicos como os mais incidentes, dois alunos compreendem que a discriminação é a prática mais corriqueira e nove alunos não souberam responder.

Na 8ª série, cinco alunos assinalaram mais de uma opção, dois optaram pelos três tipos de violência e dois elegeram maus tratos verbais e maus tratos físicos como as práticas de violência que mais ocorrem na escola. Quinze alunos entendem que os maus tratos verbais são os de maior ocorrência, um aluno admite que é a discriminação e um aluno não soube informar.

Conforme Lídia Aratangy, no site da Nova Escola, o *bullying* vai muito além das brincadeiras sem graça e os maus tratos verbais são os casos mais frequentes, causando tanta dor quanto a agressão física. O resultado da pesquisa comprova que este tipo de violência é o mais incidente na escola pesquisada, mas é interessante observar que apenas um dos profissionais de educação assinalou o item *maus tratos físicos*, quando um número significativo de alunos afirmou que eles também ocorrem. Como todos os respondentes são da mesma escola, deduzo que os maus tratos físicos ocorrem longe dos olhos dos profissionais e mantidos em sigilo.

#### 5.4 – Com que regularidade acontecem? (Figura 4)



Este tópico refere-se à regularidade dos casos descritos no item anterior. As respostas dos profissionais e dos alunos ficaram um pouco divididas, como mostra a figura 4.

A maioria dos encarregados da educação entende que os casos de *bullying* ocorrem semanalmente. No tópico anterior, apenas uma pessoa não sabia informar sobre os casos mais incidentes e neste, duas pessoas não sabiam informar a regularidade.

Na 5ª série, a maioria entende que a violência, na escola, ocorre todos os dias. Quatro alunos afirmam que nunca ocorre, mas como todos os quatro responderam normalmente às perguntas, deduzi que não sabiam informar, pois ficou um espaço aberto para outras opções, que foram utilizados por cinco alunos, com as seguintes citações: “*poucas vezes por mês*”, “*uma vez por mês*”, “*não sei dizer*” e dois alunos citaram “*não sei informar*”.

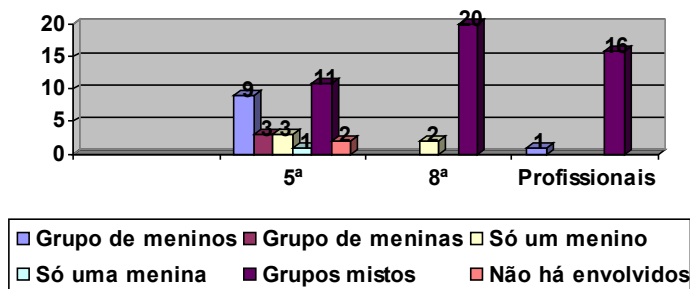
A turma de 8ª série ficou dividida entre as três primeiras opções.

Como a prática do *bullying* é repetitiva, constante, os dados acima descrevem que professores e alunos não conseguem discriminar este fenômeno de situações indisciplinadas.

### 5.5 – Quem são os envolvidos no *Bullying*?

Na figura 5, os dados mostram que a união de meninos e meninas, formando um grupo, são os mais envolvidos na prática de violência e apenas um dos entrevistados, entre os profissionais de educação, não soube informar sobre o gênero de envolvidos.

Figura 5



Na 8ª série, a maioria entende que a violência é praticada por grupos mistos. Dois alunos entendem que é praticada somente por meninos, observei que estes dois alunos são do sexo masculino.

Na 5ª série, a maioria optou, também, pelos grupos mistos, mas um número significativo acha que a violência é praticada por grupo de meninos. Dos alunos que



optaram por grupos mistos, sete são do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Duas meninas e cinco meninos optaram por grupo de meninos. Dois dos alunos que escolheram somente um item, entendendo que o *bullying* é praticado só por um menino, são do sexo masculino. Um aluno do sexo masculino entende que o *bullying* é praticado só por menino ou só por menina (assinou as duas opções). Uma aluna do sexo feminino entende que o *bullying* é praticado por grupos de meninas. Duas alunas do sexo feminino concordam que o *bullying* é praticado por ambos os grupos, de meninas e de meninos. Dois afirmaram que não há envolvidos, um do sexo feminino e um do sexo masculino, e pelas demais respostas, deduzi que não presenciaram nenhuma prática de *bullying*, mas que ouviram falar sobre esse fenômeno.

Há tempos atrás, as agressões físicas eram práticas observadas no sexo masculino. Brigas e empurrões não faziam parte do universo feminino. Hoje, conforme a mídia, as meninas estão cada vez mais se igualando aos meninos.

A prática de *bullying* pelos meninos é mais física, entre as meninas se caracteriza, principalmente, pela exclusão e difamação. Lígia Aratangy afirma que o gênero dos envolvidos não tem relevância, pois como personagens devemos considerar vítimas, agressores e espectador e todos eles merecem nossa atenção.

Conforme Chalita, é mais comum os meninos praticarem o *Bullying* direto, cujas atitudes mais frequentes são xingamentos, tapas, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetidos. Já o *Bullying* indireto é a forma mais comum entre o sexo feminino e crianças menores, apesar de as meninas não admitirem com a mesma facilidade que os meninos, ainda assim fazem parte do número de vítimas e de agressoras. A crueldade independe do gênero.

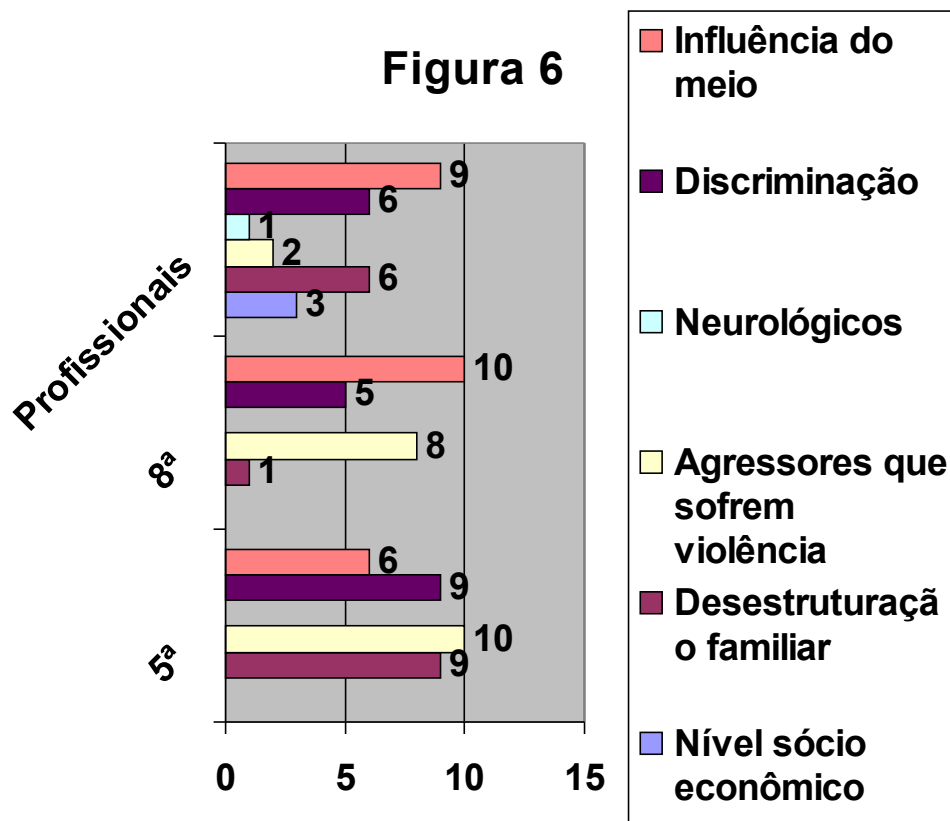
Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social. As estratégias utilizadas são difamações, boatos cruéis, intrigas e fofocas, rumores degradantes sobre a vítima e familiares, entre outros. Os meios de comunicação costumam ser eficazes na prática do *bullying* indireto, pois propagam, com rapidez e dimensões incalculáveis, comentários cruéis e maliciosos sobre pessoas públicas. (CHALITA.p.83)

Gabriel Chalita exemplifica como um Bullying indireto a atual perversidade virtual, conhecida como cyberbullying. No cyberbullying, os meninos são mais fáceis de serem identificados, pois são mais expansivos e as meninas mais discretas.

#### 5.6 – Que fatores são atribuídos ao *bullying*?

Este tópico admite mais de uma opção de resposta, pois não estamos analisando um único caso.

Essa questão versa sobre a que fatores os entrevistados atribuem a ocorrência da violência.



Dentre os profissionais de educação, a maioria entende que a influência do meio é o maior responsável, mas um número significativo entende que a desestruturação familiar e a discriminação sofrida pelo agressor são fatores que o levam a praticar violência. Dos dezessete integrantes, um optou por todos os itens; um entendeu que o nível sócio

econômico e a desestruturação familiar são causas de um comportamento violento; um citou o nível sócio econômico, a influência do meio e a desestruturação familiar; um acha que a discriminação sofrida e a desestruturação familiar são motivos que o agressor encontrou para justificar seus atos; dois optaram somente pelo item de desestruturação familiar; um por agressores que sofreram algum tipo de violência; três entenderam que a discriminação é a principal causa de violência; cinco elegeram a influência do meio como motivação de violência, sendo que um deles escreveu ao lado do item “dos meios de comunicação e sociedade”.

Na 5ª série, vinte alunos optaram por somente um item: quatro elegeram a desestruturação familiar, cinco entendem que os agressores sofrem algum tipo de violência, seis acham que são discriminados e cinco entendem que o meio social é que influencia a prática do *bullying*. Quatro alunos optaram por mais de um item: um entende que a discriminação e o fato do agressor sofrer algum tipo de violência são causas da prática do *bullying*; um aluno assinalou a desestruturação familiar, a discriminação e a influência do meio; um aluno optou por violência sofrida pelo agressor, desestruturação familiar e discriminação; três alunos entendem que a desestruturação familiar e a violência sofrida pelo agressor são fatores que levam um indivíduo a praticar o *bullying*. Contudo, a maioria entende que os agressores também são vítimas de algum tipo de violência.

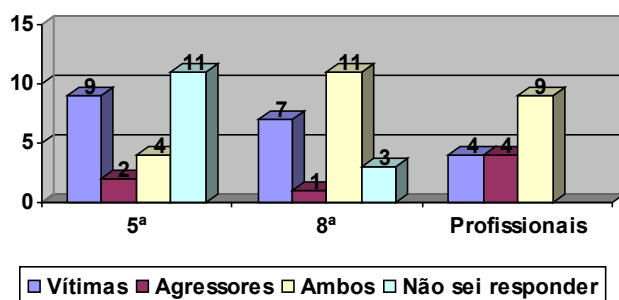
A maioria dos alunos da 8ª série entende que a influência do meio social do agressor é o fator que o leva a praticar o *bullying*. Contudo, quatro alunos assinalaram mais de uma opção: um optou por agressores que são vítimas e discriminados; um entende que os agressores sofrem algum tipo de violência e sua família é desestruturada; um aluno assinalou que o agressor sofre também violência e o seu meio social influencia em seus atos violentos. Um aluno não assinalou nenhuma opção, mas escreveu que entende que todos os itens são fatores atribuídos ao *bullying*.

Cenas de violência não se passam somente dentro de cenários pobres de escolas públicas: acontecem também em escolas de classe média e alta, frequentadas por crianças e jovens de famílias econômica e culturalmente privilegiadas, afirma Aratangy. Independente do seu meio social ou da classe econômica de seus integrantes, o *bullying* adentra as escolas sem pedir licença. Em escolas onde o público é mais abastado economicamente, o problema fica mais difícil ainda de ser controlado, pois seus professores têm a expectativa

de que seus alunos tragam de casa uma educação adequada – e sentem-se despreparados para lidar com alunos agressivos e sem limites.

5.7 – Dos personagens em casos de *bullying*, a maioria é:

**Figura 7**



Os integrantes da equipe de educação foram solicitados a responderem sobre, nos casos de *bullying*, quem se constitui a maioria, nove entendem que as vítimas são também agressoras, porém, oito dos participantes ficaram divididos entre agressores e vítimas.

Na 5ª série, a maioria dos alunos não soube responder, mas um número significativo de alunos entende que, em casos de *bullying*, a maioria dos personagens são vítimas. Na 8ª série, a maioria entende que o número de vítimas e o número de agressores são os mesmos, em casos de *bullying*.

Conforme reportagem no site da revista Nova Escola, citando Cleo Fante, Guilherme Schelb e Lélío Calhau, no caso das práticas de *bullying* estarem camufladas pelo medo ou pela convivência dos espectadores, não é tão difícil identificar as vítimas e os agressores.

Depressão, baixa autoestima, ansiedade, abandono dos estudos – essas são algumas das características mais usuais das vítimas. De certa forma, o *bullying* é uma prática de exclusão social cujos principais alvos costumam ser pessoas mais retraídas, inseguras. Essas características acabam fazendo com que elas não peçam ajuda e, em geral, elas se sentem desamparadas e encontram dificuldades de aceitação. “São presas fáceis, submissas e vulneráveis aos valentões da escola” (CLEO FANTE) Além dos traços psicológicos, as vítimas desse tipo de agressão apresentam particularidades, como problemas com obesidade, estatura, deficiência física. As agressões podem ainda abordar aspectos culturais,

étnicos e religiosos. “Também pode acontecer com um novato ou com uma menina bonita, que acaba sendo perseguida pelas colegas”. (GUILHERME SCHELB)

Os agressores são geralmente os líderes da turma, os mais populares – aqueles que gostam de colocar apelidos nos mais frágeis. Assim como a vítima, ele também precisa de ajuda psicológica. “No futuro, este adulto pode ter um comportamento de assediador moral no trabalho e, pior, utilizar a violência e adotar atitudes delinquentes ou criminosas”. (LÉLIO CALHAU)

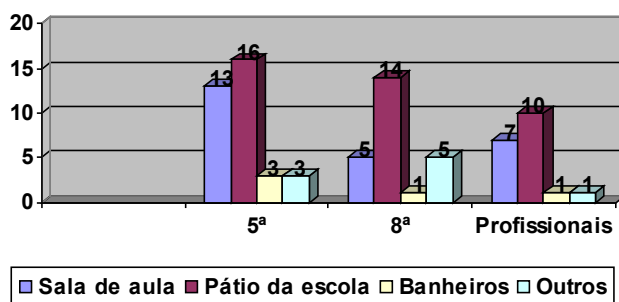
Segundo Chalita são vários os personagens envolvidos: agressores, vítimas, vítimas-agressores e espectadores. É fundamental identificá-los, cuidadosamente, para não rotulá-los e estigmatizá-los pela comunidade, o que se tornaria, também, uma violência.

Chalita exemplifica os agressores como alunos populares, que precisam de plateia para agir, mantendo um grupo em torno de si, com o qual dividem a responsabilidade e por quem se sentem apoiados e fortalecidos. As vítimas, normalmente, são pouco sociáveis, inseguras, retraídas e de baixa autoestima. Os espectadores ou testemunhas, que totalizam a grande maioria, são igualmente personagens deste fenômeno, não interferem, não participam, mas também não acolhem a dor do outro, defendendo ou denunciando. As vítimas-agressores são aquelas que sofrem bullying e repassam sua raiva e indignação para outros, ignorando a máxima “*Não faça para o outro o que não deseja para você*”.

O *Bullying* é uma violência que cresce com a cumplicidade de alguns, com a tolerância de outros e com a omissão de muitos. E se transforma em ferocidade camuflada, compondo um cenário que nos intima, enfim, a sair do conformismo, do pessimismo e da apatia das “cavernas” edificadas para nos proteger da realidade. Uma realidade grave e muda, com consequências alarmantes. (CHALITA.2008.p.109)

#### 5.8 – Onde ocorre, com maior frequência, a prática do *bullying*?

Figura 8



A maioria dos profissionais entende que a prática de violência ocorre, com maior frequência, no pátio da escola, mas um número significativo acha que a sala de aula

também é um local de atos violentos. Um optou que no banheiro ocorrem os casos de que tem sapiência e um outro assinalou “outros” e quando questionado sobre isso, argumentou como corredores ou fora do muro escolar. Houve, também, um participante que optou pelos três primeiros itens do gráfico, argumentando que a agressividade e atos violentos ocorrem, em grande quantidade, nestes locais e não tem como definir apenas um local.

Alguns alunos assinalaram mais de uma opção por entenderem que a prática do bullying ocorre, igualmente, nestes locais.

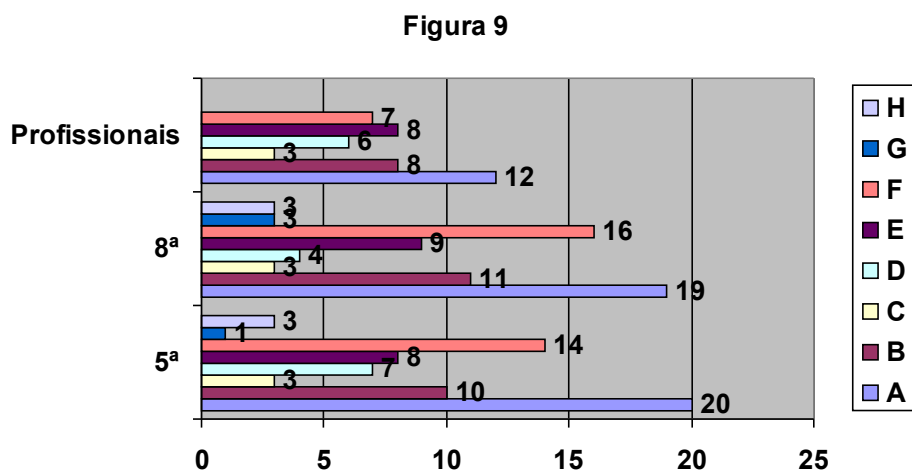
Na 5ª série, cinco alunos afirmaram que a sala de aula é o local onde mais ocorre a prática do *bullying*, nove acham que o pátio é o palco do maior número de violências e três entendem que fora dos muros escolares é o local onde acontecem os fatos. Sete alunos assinalaram mais de uma opção: quatro optaram pela sala de aula e o pátio da escola; três assinalaram a sala de aula, o pátio da escola e os banheiros. O local mais assinalado foi o pátio da escola.

Na 8ª série, três alunos entendem que a sala de aula é o cenário das práticas violentas, doze alunos acham que o pátio da escola é o local onde ocorre o *bullying* e quatro alunos assinalaram o item “outros”, pois entendem que essa prática acontece fora dos muros escolares. Três alunos marcaram mais de uma opção: um acha que na sala e no pátio ocorrem os atos violentos; um marcou a sala de aula e “outros”, justificando como sendo fora da escola e um entende que o pátio e o banheiro são, igualmente, palco de atos violentos.

Os três tipos de público entrevistados optaram pelo pátio da escola, salientando, depois, que a hora do recreio é o momento mais propício para essa prática, pois o número de professores para monitorar o pátio é bem menor que a quantidade de alunos dispersos pelo ambiente. Na sala de aula, esse fenômeno fica mais difícil de ser praticado, pois a presença do professor inibe muitos dos casos.

Conforme Chalita, normalmente as áreas da escola com pouca ou nenhuma supervisão são excelentes cenários para aterrorizar as vítimas, pois assim as mesmas têm pouquíssimas chances de “provar” a agressão, tornando-as, assim, muitas vezes, desacreditadas perante a comunidade escolar.

## 5.9 – Causas de agressões, que ocorrem com maior frequência:



Como este quadro de dados ficaria muito grande, coloquei a legenda em separado:

- |                           |  |
|---------------------------|--|
| A – Apelidos.             | B – Brincadeiras que causam danos físicos ou morais. |
| C – Acusações infundadas. | D – Discriminações.                                  |
| E – Zombarias.            | F – Ofensas.   |
| G – Furtos.               | H – Agressão induzida por outros.                    |
| I – Outras causas.        |  |

Dentre os profissionais de educação, a maioria entende que os apelidos são as causas mais frequentes de agressões, mas um número significativo acha que as brincadeiras e as zombarias motivam a agressão. Esse tópico permitia mais de uma opção, pois, como citei anteriormente, os participantes da pesquisa estão analisando as atitudes de toda uma escola. Oito participantes optaram, cada um por: apelidos e brincadeiras; apelidos e discriminações; apelidos, acusações e zombarias; apelidos, brincadeiras, discriminação, zombarias e ofensas; discriminação, zombarias, ofensas e agressões; apelidos e zombarias; apelidos, brincadeiras, zombarias e ofensas; apelidos, discriminação e ofensas. Duas pessoas assinalaram todas as opções, com exceção de furtos. Três optaram somente por

apelidos, três, por brincadeiras que causam danos físicos ou morais. Uma pessoa optou somente por zombarias.

Os alunos de ambas as turmas entendem que são várias as causas de agressões.

Na 5ª série, sete alunos optaram por apenas um item. Dois entendem que os apelidos são os maiores causadores de violência e os demais, elegeram as seguintes causas: Brincadeiras que causam danos físicos ou morais, acusações infundadas, discriminações, zombarias e ofensas. Contudo, dezenove alunos entendem que são mais de uma as causas da prática de *bullying*. Um aluno optou por apelidos, brincadeiras, discriminações, zombarias e ofensas; um por apelidos, brincadeiras e agressões induzidas; outro entende que apelidos, brincadeiras e ofensas são as principais causas e um outro acha os apelidos, brincadeiras e discriminações; um aluno compreende que os apelidos, agressões induzidas e ofensas são as causas de atos violentos e outro acha que as causas são os apelidos e zombarias; dois alunos optaram por apelidos e ofensas e outros por brincadeiras e ofensas e ainda outro acha que as causas são somente os apelidos e brincadeiras; um único aluno entende que o furto é causa de *bullying*, mas, também, os apelidos, brincadeiras, discriminações, zombarias e ofensas; outro aluno também entende que são mais de uma as causas de atos violentos, assinalando os apelidos, brincadeiras discriminações, ofensas e agressões induzidas; dois alunos optaram por apelidos, discriminações, zombarias e ofensas; outro, por apelidos, brincadeiras, zombarias e ofensas; um aluno acha que são os apelidos, acusações infundadas, zombarias e ofensas e, o último entende que os apelidos e as acusações infundadas são as causas da violência escolar.

Na 8ª série, os apelidos também foram eleitos como os maiores causadores dos atos de violência. Quatro dos educandos desta classe optaram, somente, pelos apelidos e dois, entendem que as ofensas são as únicas causas. Contudo, a maioria dos alunos assinalou mais de uma alternativa: quatro dos alunos entendem que os apelidos, brincadeiras, zombarias e ofensas são as causas; doze alunos assinalaram, cada um, os seguintes itens, como, juntos, causadores da prática do *bullying*: apelidos, agressões induzidas e ofensas; apelidos, brincadeiras e ofensas; brincadeiras, discriminação, zombarias e agressões induzidas; brincadeiras, zombarias e ofensas; apelidos, acusações infundadas e ofensas; apelidos, brincadeiras, discriminação, zombarias, ofensas e furtos; apelidos, brincadeiras, acusações e ofensas; apelidos, zombarias e ofensas; apelidos, brincadeiras, discriminações,



zombarias e ofensas; apelidos e acusações infundadas; apelidos, agressões induzidas, ofensas e furtos.

Um fato que chama a atenção é que nenhum dos professores ou funcionários entende que o furto é uma causa da prática de violência em nossa escola e, nas turmas pesquisadas, quatro alunos assinalaram furtos.

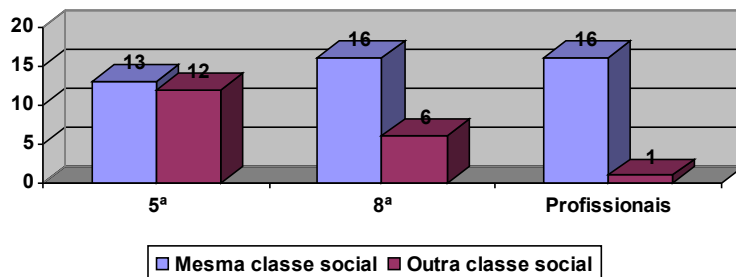
Segundo o médico pediatra Lauro Monteiro Filho, citado no site da revista Nova Escola, os apelidos pejorativos são criados justamente para humilhar as vítimas e não uma forma carinhosa de se pronunciar em relação ao outro, mantendo a moda atual de ignorar os nomes próprios.

Chalita também cita os apelidos ofensivos como a principal queixa dos alunos agredidos.

Para alguns, inventar apelidos não passa de uma brincadeira prosaica entre crianças e jovens. Porém são raros os adultos que enxergam as consequências e a gravidade desses apelidos pejorativos na vida de quem, compelido pela chateação, não sabe como resolver o problema ou como buscar ajuda.(...) Nome é uma designação que identifica, distingue, individualiza e, portanto, carrega uma história de vida, que é singular e nos faz únicos e especiais. (...) Apesar de não qualificar, o nome pertence a um sujeito com qualidades e valores, sentimentos e emoções, sonhos e desejos. (...) O nome não muda o valor da pessoa, no entanto nos remete ao valor daquele que o usa. (CHALITA. 2008. p. 91-95)

5.10 – Qual a classe social dos agressores, em relação às vítimas:

Figura 10



A violência não é característica de uma classe social específica, mas esse tópico serviu-nos para reconhecer a que tipo de classe social pertencem os praticantes de violência em nossa escola, em relação às vítimas. A maioria dos participantes constatou que vítimas e agressores pertencem à mesma classe social, o que não me surpreende, pois a maioria de nossos alunos pertence à classe média, ou seja, são quase todos da mesma classe social.

Na 5ª série, um aluno escreveu que não sabia informar, os demais ficaram divididos entre as duas opções.

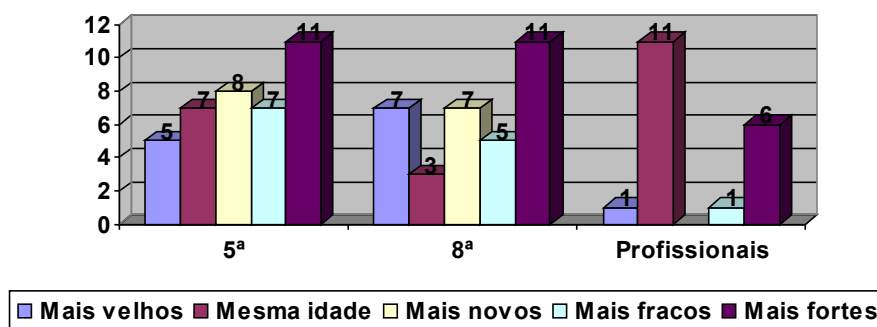
Na 8ª série, a maioria entende que o agressor pertence à mesma classe social que as vítimas, compactuando com a concepção dos professores, funcionários e membros da direção da escola.

Instalando-se numa sociedade plural composta de diferenças de todas as ordens, o fenômeno do *bullying* não é prerrogativa de uma determinada raça, classe social ou sexo. Casos relatados pela mídia e pesquisados por estudiosos do assunto apontam praticantes de bullying provenientes das mais variadas camadas sociais, bem como as vítimas e os espectadores.

O fenômeno bullying não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e de jovens, em escolas de países e culturas diferentes. (CHALITA. 2008. p 81)

#### 5.11 – Quanto ao aspecto físico do agressor em relação a vítima:

**Figura 11**



Este tópico admitia mais de uma opção, pois examina a faixa etária e o aspecto físico do agressor. A maioria dos profissionais de educação entendeu que vítimas e agressores pertencem à mesma idade. Dos dezessete participantes, oito entenderam que agressores e vítimas são da mesma idade, não discriminando se são mais fortes ou mais fracos; quatro elegeram que os agressores são mais fortes; dois acharam que são da mesma idade e mais fortes; um apontou que é mais velho e mais fraco; dois não escolheram nenhuma opção, citando apenas: “*Não existe perfil físico*” e “*Não tem um modelo definido*”.

Ambas as turmas entendem que o agressor é mais forte que a vítima.

Na 5ª série, a metade dos alunos optou em assinalar apenas um item: um acha que o agressor é mais velho que a vítima, quatro acham que agressor e vítima têm a mesma idade, três entendem que são mais novos; um entende que é mais fraco e quatro acham que o agressor é mais forte que a vítima. Dos que assinalaram mais de uma alternativa, o que está correto, pois este tópico abrange a faixa etária e o outro abrange as condições físicas dos personagens envolvidos na prática de violência, três alunos entendem que os agressores, em relação às vítimas são mais novos e mais fracos; dois acham que são mais velhos e mais fortes; três, que são da mesma idade e mais fortes; um entende que são mais velhos e mais fracos; um citou que não sabia informar. Três alunos assinalaram em opções incoerentes: um deles assinalou todas as alternativas, outro, que os agressores, em relação às vítimas, são mais fracos e mais fortes e um outro entende que são mais novos e mais velhos.

Na 8ª série, a metade do alunado dessa turma optou por uma única alternativa: um entende que o agressor é mais velho que a vítima, três acham que tem a mesma idade, dois compreendem que são mais novos e cinco elegeram os agressores mais fortes que as vítimas. A outra metade dos alunos se dividiu entre duas opções: cinco entendem que os agressores são mais novos e mais fracos e seis acham que são mais velhos e mais fortes. Não houve resposta incoerente nesta turma.

Conforme Gabriel Chalita (2008), baseado nos estudos e resultados da pesquisa de Cleo Fante, “as vítimas são normalmente tímidas, com algum aspecto físico ou comportamental em evidência, tendo em média 11 anos; os agressores encontram-se na faixa etária entre 13 e 14 anos e possuem um espírito nato de liderança”.

No caso de agressões contra alunos com deficiência, a situação ainda é mais grave, pois a vítima nem sempre tem habilidades físicas ou emocionais para lidar com o problema, e, conforme o site da Revista Nove Escola, essa prática contra os deficientes físicos e mentais tem crescido tanto quanto a inclusão social dos mesmos. Felizmente, em nossa escola, nossos alunos portadores de necessidades especiais são respeitados e protegidos pelos colegas.

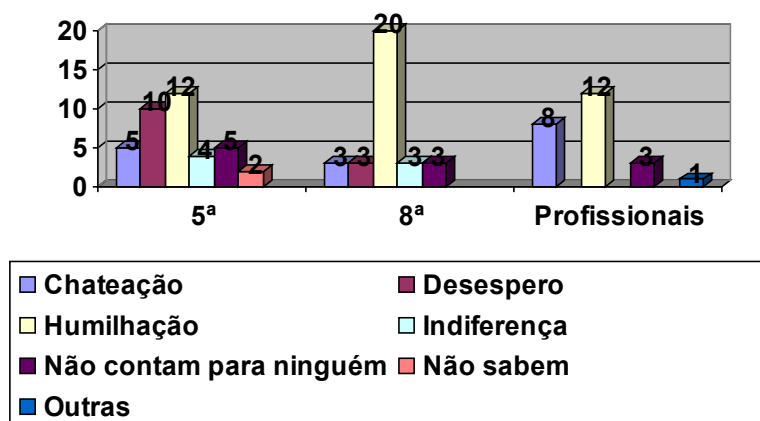
Uma sociedade em que mendigos, travestis e prostitutas “merecem” ser espancados e mortos, pode ser reflexo de uma sociedade que permite que jovens e crianças qualificados como esquisitos, tímidos, feios, diferentes do padrão estabelecido pelo grupo sejam escarnecidos, humilhados, excluídos, atormentados, ameaçados, ridicularizados.(CHALITA, p.128).

A diversidade humana é comumente enfatizada nos aspectos negativos do outro, tendo como parâmetro o olhar de superioridade daquele que observa e identifica o outro com base na diferença.

Ser diferente não é um motivo, mas um pretexto para que o autor do *bullying* satisfaça a sua necessidade de agredir, de humilhar, de marginalizar.(CHALITA. p 130).

#### 5.12– Emoções sofridas pelas vítimas:

**Figura 12**



A maioria dos profissionais entendeu que a vítima fica chateada com as agressões que sofre, mas um número significativo acha que a criança sofre muita humilhação. Esse tópico admitia mais de uma opção: quatro pessoas optaram somente por chateação; sete somente por humilhação; uma somente pelo item de que a vítima não conta para ninguém; uma eleger humilhação e não contar para ninguém; três optaram por humilhação, chateação e não contar para ninguém sobre a incidência do problema; uma pessoa optou por chateação, humilhação, não contar para ninguém e outras emoções, onde escreveu “raiva e revolta”.

Na pesquisa realizada na 5ª série, o item *Humilhação* foi o mais apontado. Um dos alunos optou somente por *Indiferença*; outro, por *Humilhação e Indiferença*; outro, ainda, por *Indiferença e Não contam para ninguém*; e outro, por *Chateação e Humilhação*. Um aluno optou por *Chateação, Desespero, Humilhação e Não contam para ninguém*. Um aluno escolheu três itens: *Chateação, Desespero e Humilhação*. Dois alunos optaram somente por *Chateação*. Quatro alunos entendem que o desespero é a emoção sofrida pela vítima e cinco alunos acham que é humilhação. Dois alunos entendem que a vítima sofre humilhação e desespero e, finalizando, três alunos entendem que a vítima não conta para ninguém do ocorrido.

O público da 8ª série entende que a vítima sente-se humilhada perante a situação de *bullying*. Um dos alunos optou pelos itens: *Chateação, Desespero, Humilhação e Indiferença*. Doze alunos optaram somente por *Humilhação*. Dois entendem que a vítima não conta para ninguém. Dois acham que ela se desespera e se humilha. Três acham que se humilham ou ficam indiferentes e dois, que ficam chateados e humilhados.

Durante o período pré-escolar, na convivência com seus familiares, a criança aprende a lidar com seus sentimentos e emoções e, também, com seus conflitos interpessoais, valorizando e respeitando as diferenças.

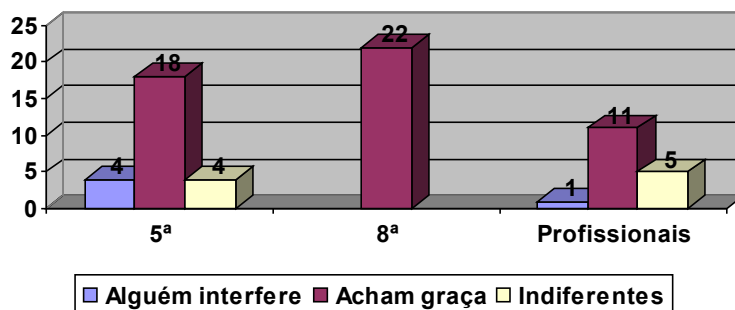
Ao adentrar os muros escolares, a criança objetiva a concretização de muitos de seus sonhos e, ao deparar-se com situações adversas a sua vontade, pode sofrer uma forte carga de emoções negativas que ficarão armazenadas em sua mente e no seu coração, interferindo em sua capacidade de autopercepção e autosuperação da vida, originando quadros depressivos.

É fato que a criança e jovem já carrega um sentimento de inferioridade, principalmente durante a adolescência, sempre encontrando um defeito em si mesma e a escola, como palco de interação entre seres semelhantes e, normalmente, desiguais, deve proporcionar relacionamentos pacíficos e harmoniosos, promovendo, assim, a autorealização de seu público e não o contrário, oportunizando futuros adultos medíocres, sem expressão e submissos.

O mundo das crianças e dos jovens não é tão risonho quanto se pensa. A escola pode, sim, tornar-se um lugar constrangedor. Sob a roupagem de brincadeira de mau gosto, o fenômeno *bullying* invade silenciosamente os espaços escolares, furtando de crianças e jovens a possibilidade de sonhar. As experiências de dor, de angústia e de humilhação, vividas solitariamente, deixam cicatrizes e podem trazer graves consequências para os adultos que essas crianças serão. (CHALITA, p 85)

### 5.13 – Atitudes mais frequentes dos espectadores da agressão:

**Figura 13**



Até as testemunhas sofrem ao conviver diariamente com o problema, mas tendem a omitir os fatos por medo ou insegurança. Geralmente, elas não denunciam e se acostumam com a prática – acabam encarando como natural dentro do ambiente escolar. “O espectador

se fecha aos relacionamentos, se exclui porque ele acha que pode sofrer também no futuro. Se for pela internet, no cyberbullying, por exemplo, ela ‘apenas’ repassa a informação. Mas isso o torna um co-autor”, completa Cléo Fante, citada no site da Revista Nova Escola.

A maioria dos profissionais afirma que os espectadores acham graça nas agressões presenciadas, justificando mais cenas de violência, pois como diz o ditado popular “*O espetáculo se repete se houver plateia*”.

Ambas as turmas entendem que a atitude mais freqüente entre os indivíduos que presenciam atos violentos é a graça pelo acontecimento, ou seja, riem e se divertem.

5.14 – Relate um caso de *bullying* que você já presenciou.

Esse tópico é subjetivo e o participante tinha a opção de responder ou não à atividade proposta. Três pessoas, dentre os profissionais, afirmaram que não lembram ou não observaram nenhum caso. Os demais transcrevo abaixo:

*“Submissão do outro, pela força, à condição humilhante”.*

*“Apelido nos alunos que ficam chateados e discriminação onde o aluno ficou agressivo”.*

*“Aluno pequeno chamou a mãe do colega de suja (pela cor da pele negra)”.*

*“Alunos rindo de um colega e não deixando o mesmo encostar-se a eles”.*

*“Meu filho sofre de bullying na escola, na qual ele se sente chateado e rejeitado pelos colegas”.*

*“Meus próprios alunos que colocam apelidos indevidos”.*

*“Uma aluna ser chamada de apelidos pejorativos em relação ao seu corpo”.*

*“Apelidos como: gordo, seco, quatro olhos, negro,...”*

*“Menino de oito anos debochando dos colegas, segundo ele seus colegas eram ‘burros’”.*

*“Quando era aluno da 8ª série, os meninos de minha turma deram socos na nuca de um dos colegas, em frente a turma toda porque o mesmo não foi a um jogo de futebol que havia sido marcado pelo grupo”.*

*“Apelidos humilhantes”.*

*“Um menino muito humilde e que não tomava banho seguidamente, era chamado, pelos colegas, de fedorento”.*

*“Aluno colocar apelido com intuito de humilhar o colega”.*

*“A aluna que tomou as dores de um colega que foi chamado a atenção por uma atitude antiesportiva durante a aula de educação física e agride verbalmente a professora, dizendo que tem ‘nojo dessas pessoas que são mal comidas em casa e soltam as patas na escola’”.*

Na 5ª série, uma aluna deixou o espaço em branco. Dois citaram que não presenciaram nenhum caso de *bullying* e dois escreveram que não sabiam responder.

“Uma aluna foi categórica: *Eu nunca presenciei, nunca pratiquei e nunca fui vítima*”. Outra admitiu que só viu pela “TV”.

A demais resposta transcreve abaixo:

*“Que um aluno matou o professor”.*

*“Quando chamam alguém de nome e apelidos referentes a essa pessoa, na sala de aula.”*

*“Na sala de aula, meus colegas ficam zombando e chamando as pessoas por apelidos.”*

*“Chamar as pessoas por apelidos que não gostam”.*

*“Apelidos que ofendem as pessoas”.*

*“O meu colega sofre bullying todo o dia e não gosta”.*

*“Eu vi brigar na tevê, eu acho que é isso”.* (Esta aluna respondeu negativamente quase todas as questões, demonstrando que pouco conhece sobre o fenômeno do *bullying*).

*“Eu já ouvi apelidos, palavrões, tapas e socos que humilham e machucam”.*

*“Que eu já presenciei foi de um garoto que, só porque ele estudava demais, chamam eles de Nerd e falam para ele fazer os temas da turma toda se não ia levar uma surra”.*

*“Eu já vi um guri apanhar muito”.*

*“Apelidos na sala de aula”.*

*“Já vi briga, enforcamento e briga de faca”.*

*“Um menino xingou outro na rua de casa e bateu nele”.*

*“Eu ouvi chamarem a minha prima de negra”.*

*“Um dia estava caminhando na escola e um guri veio e me deu um soco na boca e eu só estava na primeira série”.*

*“Na minha escola, um menino de sete anos apanhando de um menino de onze anos”.*

*“Eu mesmo já fui vítima, por causa dos apelidos”.*

*“Uma vez eu e minha mãe estávamos indo para o centro e vimos um tiroteio, lá em Santa Catarina”.*



Na 8ª série, doze alunos deixaram o espaço em branco e quatro responderam que não sabem de nenhum caso na escola.

As respostas dos demais alunos estão reproduzidas abaixo:

*“Eu bati no meu colega”.*

*“Os apelidos são constantes na escola. Muitos deles são desagradáveis e chateiam quem os recebe”.*

*“Eu já presenciei o meu colega que leva soco no braço, todos os dias”.*

*“Lá na minha avó tem um menino que é deficiente, quase normal, mas não é bem certo e, com isso, os outros se aproveitam dele com xingamentos, zombarias e outras coisas piores”.*

*“Os apelidos são bem constantes na escola”.*

*“Eu nunca pratiquei o bullying e também nunca fui vítima. Mas conheço pessoas que recebem apelidos e eles ficam muito chateados”.*

5.15 – Neste tópico, solicitei aos participantes da pesquisa que relatassem um caso de *bullying* que não presenciaram (foram informados pelos meios de comunicação ou através de terceiros), mas que se sensibilizaram.

Dentre os profissionais de educação, duas pessoas não responderam, uma citou que não lembra de nenhum caso, e as demais, transcrevo abaixo:

*“Em SP ou RJ (não lembro), um rapaz de apenas 15 anos se suicidou após sofrer bullying na escola onde estudava”.*

*“O caso do mendigo que foi queimado”.*

*“Sites com conteúdos que humilham os outros, deixando em situação constrangedora”.*

*“Caso do menino de Porto Alegre que resultou em morte”.*

*“Alunos de uma sala de aula, riram e isolaram uma menina de 6ª série, com idade intelectual de oito anos, por ela frequentar o NAE”.*

*“Vi na TV, alunos de uma universidade que expuseram os “bixos” a brincadeiras de mau gosto, como passarem por lugares com fezes e urina”.*

*“Já vi muitas vezes, na televisão, alguns casos de agressões físicas”.*

*“Pela mídia, o caso de uma aluna que era CDF (sabia tudo) e isso incomodou seus colegas. Ela, depois de superar o trauma, criou um blog, na Internet, sobre bullying”.*

*“As salas de aula que foram pichadas por alunos após serem pintadas pela escola. Cenas de sexo entre alunos lançadas na Internet”.*

*“A morte de um estudante gaúcho na parada de ônibus pelos colegas da escola”.*

*“Menina Down que foi agredida pelos colegas, sofrendo agressões verbais e físicas”.*

*“Um caso que aconteceu na cidade de Campo Bom, onde uma menina apanhou na rua de outras colegas. Sofreu perseguições e foi agredida brutalmente. Saiu no noticiário local e cidades vizinhas”.*

*“Um caso que ocorreu na capital gaúcha e que acabou em morte”.*

*“Alunos agredem fisicamente uma colega na saída da escola enquanto outros filmam com aparelhos de celular e estimulam a briga. As imagens vão parar na Internet”.*

Um aluno da 5ª série deixou o espaço em branco. Nove alunos não souberam responder, outro citou que nada viu e um outro disse que já presenciou, mas não disse o que. Três dos alunos que responderam ao item 15, não responderam ao tópico 14.

Os casos relatados pelos demais estão transcritos abaixo:

*“Chamar de apelidos que os outros não gostam”.*

*“Uma pessoa que estava apanhando”.*

*“Eu acho que é quando se machucam”.*

*“Brigas nas escolas”.*

*“É que se machucou?”*

*“Eu já vi muitos na televisão: tapas e outras coisas, principalmente morte”.*

*“Eu vi no jornal um homem batendo e xingando”.*

*“Apelidos na sala de aula”.*

*“Briga de arma”.*

*“Que um menino bateu com uma cadeira na cabeça do outro. Vi na Internet”.*

*“Eu ouvi falar que em uma fábrica um homem foi mandado embora porque ele era negro”.*

*“Morte, tiros e enforcamento”.*

*“Teve um dia que eu não vim na escola e um menino do turno da tarde que veio para o Hip Hop e os meninos da 8ª série começaram a gozar porque ele era vesgo”.*

*“Acontecem com as pessoas que brigam por causa de gurias. Eu vi um dia”.*

Na 8ª série, quinze dos vinte e dois alunos deixaram a questão em branco, três escreveram “Não sei” e dos que responderam, transcrevi abaixo:

*“Não presenciei brigas muito feias, só algumas leves, como empurrões, xingamentos, etc...”*.

*“Meu outro colega apanhou”*. (Este é o aluno que admitiu bater no colega).

*“Xingamentos e empurrões”*.

*“Eu nunca presenciei uma briga séria, só algumas briguinhas leves, mas não é bullying, realmente”*.

As citações apresentadas acima apontam uma incompatibilidade nas respostas, pois a maioria afirma que já ouviu falar sobre o fenômeno do bullying e que o mesmo ocorre dentro dos muros escolares, mas não foram capazes de citar um caso presenciado.

## 6 REGÊNCIA

Foram apresentados, nas duas turmas, uma exposição do fenômeno de bullying, uma sensibilização objetivando a autoestima dos alunos, e um vídeo sobre um deficiente físico que superou obstáculos decorrentes de sua deficiência.

Na 5ª série, além do citado acima, contei a história das palavras cor-de-rosa e das palavras cinzentas, com o objetivo de conscientizar os alunos dos efeitos positivos e negativos provocados pelo uso da palavra. Após isto, conversamos sobre o conteúdo exposto e a totalidade de alunos concordou que as chamadas “palavras mágicas” estão sumindo da sociedade, principalmente de dentro da escola. Pedi que fizessem um paralelo entre palavras doces e palavras amargas:

*“Com licença – sai da frente – desinfeta – risca”.*

*“Obrigada”* – (ignoram uma palavra amarga para este termo, pois quase nunca o ouvem).

*“Desculpe – quem manda estar no caminho”.*

*“Faz Favor – vê se faz logo”.*

*“Por favor – vai logo”.*

Perguntei, ainda, sobre a mudança de comportamento dos alunos quando pulam da 4ª para a 5ª série. Mais uma vez os alunos concordaram que realmente mudaram, mas não sabiam responder qual a causa e, alguns, teceram alguns comentários:

*“Os conteúdos são mais difíceis”.*

*“As provas são muito difíceis”.*

*“As explicações são mais indiretas”.*

*“Os professores ditam as atividades”.*

*“Na maioria das vezes são os colegas que escrevem no quadro”.*

*“É bem melhor na 5ª série, pois quando chove, tem recreio”.*

Na 8ª série, todos os alunos preencheram o questionário, assistiram a apresentação de slides e o vídeo, no mais absoluto silêncio e concentração, inclusive, quando terminou o vídeo, alguns alunos fizeram o possível para esconder algumas lágrimas que teimavam em rolar por suas faces. Logo após, conversamos sobre o conteúdo visto e sobre as atitudes deles dentro da escola. Educadamente concordaram que existe abuso de poder por parte de alguns que se consideram “melhores”, mas que a partir do que viram descobriram que são apenas mais uns adolescentes em busca de objetivos de vida. Ao sair, um dos alunos que se mantiveram juntos, no fundo da sala, durante toda minha permanência no ambiente, perguntou-me:

*A senhora vai vir novamente?*

*Vocês querem que eu volte?*

Todos responderam afirmativamente e eu prometi que a hora que eles quisessem discutir sobre algum tema extraclasse eu voltaria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os dados coletados, observa-se que os profissionais de educação já ouviram falar sobre *bullying*, porém o conhecimento sobre esse fenômeno é restrito. Verifiquei, também, o despreparo dos professores para identificar condutas que, na verdade, refletem o *bullying*. Quanto aos alunos, percebi que desconhecem o assunto, apenas já ouviram esta palavra.

Profissionais da educação e alunos apresentaram sua concepção sobre o assunto, demonstrando divergência em alguns tópicos e convergência em outros.

Dentre os profissionais de educação, somente doze teceram comentários sobre o que sabiam a respeito e dos quarenta e oito alunos, apenas a metade deles ousou comentar um caso que observou e, ainda, entre os que relataram casos, foram pouquíssimos que relataram, realmente, possíveis casos de *bullying*.

No tópico sobre os casos mais incidentes na escola, alunos e profissionais entendem que são os maus tratos verbais e psicológicos.

Quanto à regularidade que acontecem, houve divergência de opinião entre os três grupos. Os professores entendem que os casos de *bullying*, em nossa escola, ocorrem semanalmente; os alunos da 5ª série afirmaram que ocorrem todos os dias e os alunos da 8ª série acusaram que acontecem mais de uma vez por semana.

A concepção dos grupos comunga nos tópicos sobre os envolvidos em *bullying*, local que mais acontecem, causas de agressões, classe social de vítimas e agressores, emoções provocadas nas vítimas e atitudes dos espectadores. Sendo assim, a prática de *bullying*, segundo os participantes da pesquisa, é realizada por grupos mistos, com mais incidência no pátio da escola, pertencentes à mesma classe social de suas vítimas, provocando

humilhação nas mesmas e, quanto aos espectadores, concordaram que acham graça em assistir os casos de violência e a causa para agressões são os apelidos.

Há divergência nos tópicos de fatores atribuídos ao *bullying* e aspecto físico dos agressores em relação às vítimas.

Os professores e os alunos da 8ª série entendem que os agressores sofrem a influência do meio social no qual estão inseridos. Já os alunos da 5ª série, entendem que os agressores também sofrem algum tipo de violência, mas um número significativo não descartou que os agressores são discriminados e têm suas famílias desestruturadas.

Quanto ao aspecto físico, os professores veem os agressores com a mesma idade das vítimas, porém mais fortes. Os alunos da 8ª série entendem que eles tanto podem ser mais velhos como mais novos, mas são mais fortes. O alunado da 5ª série compreende que os agressores têm menos idade que as vítimas, mas são mais fortes.

De uma forma geral, com esta pesquisa, pode-se observar que o *bullying* é um tema quase desconhecido pelos alunos e os professores possuem um conhecimento limitado pelos fatos noticiados nos meios de comunicação, apontando causas e conseqüências, mas não sabendo, como ficou demonstrado em seus relatos, discriminá-lo de casos isolados de violência.

Através deste trabalho, inicia-se a discussão sobre um assunto que, até então, nunca tinha sido discutido dentro de nossa escola, limitando-se apenas à discussão de alguns casos de indisciplina por parte dos alunos.

Quanto aos alunos, ficou esclarecido que todos querem paz e harmonia na sua escola, na sua vida.

O papel do professor é de fundamental importância para que a escola seja um ambiente pacífico e harmonioso, onde o respeito é o esteio para se superar as diferenças, e que os conflitos que por ventura aparecerem sirvam de objeto de aprendizagem e não de discórdia.

Ninguém está vacinado contra o *bullying* e ele pode se apresentar na mais pacata escola, sem avisar.

Primeiramente, a escola tem que se conscientizar do problema não tentando disfarçá-lo como atos de indisciplina. Em seguida, abrir espaço para que os alunos possam emitir

suas opiniões ou medos. Logo após, fazer um trabalho diferenciado do corriqueiro, com todos os alunos, agressores, vítimas ou simples espectador.

Para Lídia Aratangy, citada no site da Revista Nova Escola:

A escola não é responsável por essas situações de injustiça, mas ela é detentora das armas mais poderosas para transformar essas crianças de vítimas em agentes de mudança. Dentro de seus muros elas encontram, muitas vezes, a única esperança de reversão da expectativa de fracasso, talvez o único modelo de convivência digna que a vida lhes pode oferecer. A escola tem o poder de ajudar a criança a fazer uma tradução crítica das vivências que traz, mostrando-lhe a possibilidade de uma nova leitura do mundo e desenvolvendo nela a esperança de um mundo mais justo.

É muito difícil dar uma fórmula pronta para extinguir esse fenômeno, mesmo porque a sociedade ainda se sente de “mãos atadas” quanto ao *bullying*. A única coisa de que tenho absoluta certeza é a de que não podemos ficar apenas nos lamentando com os casos ocorridos, marginalizando os culpados e emitindo opiniões vazias quanto às possíveis causas do descaso pelo próximo.



Não podemos deixar que eles acreditem que o mundo é feito de corrupção e violência e que nele só os valentões e os espertalhões levam vantagens. Para lutar contra a paralisia e o cinismo de que tanto nos queixamos, não há momento mais propício do que a adolescência, não há espaço mais adequado do que a escola. (LÍDIA ARATANGY)

(...) somos culpados de muitos erros e muitas falhas, mas nosso pior crime é abandonar as crianças, desprezando a fonte da vida. Muitas das coisas de que precisamos podem esperar. A criança não pode. É exatamente agora que seus ossos estão se formando, seu sangue é produzido, e seus sentidos estão se desenvolvendo. Para ela não podemos responder “Amanhã”. Seu

nome é “Hoje”. (GABRIELA MEIRELLES MISTRAL apud GABRIEL CHALITA)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; LA TAILLE, Yves de. **Qual a abordagem mais adequada para lidar com o bullying na escola?** Pátio Revista Pedagógica. Ano XI, n° 42, p. 44-47, mai/jul, 2007.

CHALITA, Gabriel. **PEDAGOGIA DA AMIZADE – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores.** São Paulo. Gente. 2008

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes – Professores Fascinantes.** São Paulo. Sextante. 2003

FASSLER, David G.; DUMAS, Lynne S. **Ajude-me, estou triste!** São Paulo. Paulinas. 2003

NOVA ESCOLA. **Violência Virtual.** Abril. Ano XXV, n° 233, p. 67-73, jun/jul, 2010.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Apresentação dos Temas Transversais e Ética. Ministério da Educação e do Desporto. 1997

PICETTI, Jaqueline. **Significações de violência na escola: Equívocos da compreensão dos processos de desenvolvimento moral na criança?** Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo, Gente, 1996.

<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/pelo-bem-proxima-geracoes-448285.shtml> - Acessado em 04/10/2010.

<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Michela%20-%20Final.pdf> – Acessado em 12/09/2010

## ANEXOS

### Anexo 1

Este questionário faz parte do Projeto de Pesquisa intitulado *Bullying*: características dos personagens.

Caro professor, sua colaboração, na pesquisa, é imprescindível.

Solicito que respondam as questões abaixo.

Obrigado pela colaboração!

Dados de identificação:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Formação:

Tempo de magistério:

Escola:

Série em que atua:

Quantos alunos na turma:

Questões:

1- Você já ouviu falar sobre bullying? ( ) Sim ( ) Não  
Caso responda sim, o que sabe a respeito?

2- Quais foram os casos mais incidentes na sua escola?

( ) Maus tratos verbais e psicológicos.

( ) Maus tratos físicos.

( ) Maus tratos sexuais.

( ) Exclusão do grupo

( ) Outros:

( ) Não sei informar.

3- Com que regularidade acontecem?

- Todos os dias
- Semanalmente
- Mais de uma vez por semana
- Outros:
- Nunca

4 – Quem são os envolvidos no Bullying?

- Grupo de meninas
- Grupo de meninos
- Só uma menina
- Só um menino
- Grupos mistos
- Não há envolvidos

5 – Que fatores são atribuídos ao Bullying?

- Nível sócio econômico
- Desestruturação familiar
- Agressores que sofreram algum tipo de violência
- Neurológicos
- Discriminação
- Influência do meio
- Outros:

6 – Dos personagens em casos de Bullying, a maioria é:

- Vítimas
- Agressores
- Ambos
- Não sei responder

7 – A prática do Bullying ocorre com maior frequência:

- Na sala de aula
- No pátio da escola
- Nos banheiros
- Outros:

8 – Agressões que ocorrem com maior frequência:

- Apelidos
- Brincadeiras que causam danos físicos ou morais
- Acusações infundadas
- Discriminações
- Zombarias
- Ofensas
- Furtos
- Agressão induzida por outros

9 – Classe social dos agressores:

- Mesma classe da vítima
- Outras classes sociais.

10 – Quanto ao aspecto físico dos agressores em relação às vítimas:

- Mais velhos
- Mesma idade
- Mais novos
- Mais fortes
- Mais fracos
- Outros:

11 – Emoções sofridas pelas vítimas:

- Chateação
- Desespero
- Humilhação
- Indiferença
- Não contam para ninguém sobre a incidência do problema
- Outros

12 – Atitudes mais frequentes dos espectadores:

- Alguém interfere
- Acham graça
- Indiferentes

13 – Relate um caso de *Bullying* que você já presenciou:

14 – Relate um caso de *Bullying* que não presenciou, mas que te sensibilizou:

## Anexo 2

Este questionário faz parte do Projeto de pesquisa intitulado *Bullying*: características dos personagens.

Caro aluno, sua colaboração, na pesquisa, é imprescindível.

Solicito que respondam as questões abaixo.

Obrigada pela colaboração!

Dados de Identificação:

Sexo:  Masculino  Feminino

Idade:

Série:

Escola:

Questões:

1- Você já ouviu falar sobre *Bullying*? ( ) Sim ( ) Não

2 - Já sofreu algum tipo de violência na sua escola? ( ) Sim ( ) Não

3 – Quais os tipos de violência que mais ocorrem na sua escola?

( ) Maus tratos verbais

( ) Maus tratos físicos

( ) Discriminação

( ) Outros:

( ) Não sei informar

4- Com que regularidade acontecem?

( ) Todos os dias

( ) Semanalmente

( ) Mais de uma vez por semana

( ) Outros:

( ) Nunca

5- Quem são os envolvidos no *Bullying*?

( ) Grupo de meninas

( ) Grupo de meninos

( ) Só uma menina

( ) Só um menino

( ) Grupos mistos

( ) Não há envolvidos

6- Que fatores são atribuídos ao *Bullying*?

( ) Nível sócio econômico

( ) Desestruturação familiar

( ) Agressores que sofreram algum tipo de violência

( ) Neurológicos

( ) Discriminação

( ) Influência do meio

( ) Outros:

7- Dos personagens em casos de *Bullying*, a maioria é:

( ) Vítimas

( ) Agressores

( ) Ambos

Não sei responder

8- A prática do *Bullying* ocorre com maior frequência:

- Na sala de aula
- No pátio da escola
- Nos banheiros
- Outros:

9- Agressões que ocorrem com maior frequência:

- Apelidos
- Brincadeiras que causam danos físicos ou morais
- Acusações infundadas
- Discriminações
- Zombarias
- Ofensas
- Furtos
- Agressão induzida por outros

10- Classe social dos agressores:

- Mesma classe da vítima
- Outras classes sociais

11- Quanto ao aspecto físico dos agressores em relação às vítimas:

- Mais velhos
- Mesma idade
- Mais novos
- Mais fortes
- Mais fracos
- Outros:

12- Emoções sofridas pelas vítimas:

- Chateação
- Desespero
- Humilhação
- Indiferença
- Não contam para ninguém sobre a incidência do problema
- Outros:

13- Atitudes mais frequentes dos espectadores:

- Alguém interfere
- Acham graça
- Indiferentes

14- Relate um caso de *Bullying* que você já presenciou, praticou ou foi vítima:



15- Relate um caso de *Bullying* que você não presenciou, mas que te sensibilizou:

### ANEXO 3

#### As palavras cor-de-rosa e as palavras cinzentas

Um dia, sem se saber muito bem porquê, tudo aconteceu de repente: as palavras cor-de-rosa desapareceram do planeta. O que são palavras cor-de-rosa? São palavras delicadas, como, Obrigado, Faz favor, Se não se importa, És tão importante para mim. Palavras tão doces que são como mel no coração.

Seria obra do Mago Cinzento, que só gostava do salgado, do picante e do amargo? Não... Eram os homens que, vá lá saber-se porquê, preferiam as palavras picantes, amargas e salgadas.

Naquela época, existiam na Terra lojas de palavras cor-de-rosa e lojas de palavras cinzentas. Os vendedores de palavras cor-de-rosa vendiam Amo-te, Penso em ti, Muito Obrigado, Se faz favor... Os vendedores de palavras cinzentas vendiam sobretudo *Cabeça de alho chocho, Não me chateies, Cala o bico...*

A princípio, comprava-se muito mais palavras cor-de-rosa do que palavras cinzentas. Os vendedores de palavras cor-de-rosa faziam bons negócios, e um perfume doce envolvia a Terra. Os vendedores de palavras cinzentas passavam os dias à espera, porque só tinham clientes uma ou duas vezes por ano, por alturas de grandes zangas.

No entanto, um dia, os homens puseram-se estranhamente a comprar palavras cinzentas. Havia uma crise de emprego, uma greve de corações. Os patrões compravam muitos Vá pregar a outra freguesia, Está bem arranjado, homem, Obrigado pelos seus serviços mas está despedido. Havia guerras entre famílias, divórcios, casais que já não se entendiam. Invejas entre irmãos, zangas... Comprava-se vários Já não gosto de ti, está tudo acabado. Nas lojas de palavras cor-de-rosa, muitos Obrigado, Por favor, Gosto de ti, ficavam por vender.

— Para o diabo com as palavras doces — diziam os homens. — São caras e não trazem nenhum benefício.

Os vendedores de palavras cor-de-rosa, desolados, já não sabiam onde as armazenar.

As lojas cor-de-rosa fechavam umas atrás das outras. Passa-se, Fechado por morte do proprietário, Liquidação total, Quinze palavras cor-de-rosa pelo preço de uma. Mas, mesmo a preços módicos, elas não atraíam ninguém. As lojas de palavras cinzentas, essas sim, prosperavam. Porque, e isso é bem conhecido, as palavras feias são contagiosas. Se no recreio te lembrares de lançar uma, receberás dez em troca! Abriram-se mesmo lojas especializadas em palavras feias, risos grosseiros, insultos horríveis. E os vendedores cinzentos trabalhavam dia e noite para descobrirem joias raras, as palavras mais horríveis e mais maldosas!

Como receavam ficar sem provisões, como costuma acontecer em tempo de guerra, as pessoas começaram a fazer conservas de palavras cinzentas. Congelaram-nas às dúzias, empilharam-nas nos armários da cozinha, nos guarda-fatos, debaixo das camas.

E, ao menor atrito, ao mais pequeno gracejo, à mais insignificante discussão, ia-se à reserva: Cala o bico, Vai ver se chove, És um atraso de vida, Ó gordefas, e assim por adiante!

Os aniversários tinham lugar no meio dos piores insultos. Cantarolava-se Infeliz aniversário, infeliz aniversário, lançando-se uma bomba de palavras feias no meio da festa. Entre os adultos, para se festejar a passagem do ano, comia-se as passas e bebia-se sumo de uvas pretas, no meio de gracejos do gênero:

— Desejo-te um ano péssimo... e, principalmente, muito pouca saúde!

E, quando se abriam as prendas, era um concerto de gemidos:

— Que feio! Como é que tiveste uma ideia tão má? É, de facto, o presente que eu menos queria receber.

Antes das aulas, as crianças corriam para as lojas cinzentas e enchiam os bolsos de palavras feias para a hora do recreio. Antes das férias, os adultos também lá iam, para encherem as malas de palavras cinzentas, de piadas estúpidas, que atiravam pela janela na auto-estrada, entre o almoço e o café, durante os engarrafamentos: Ó aselha, vai mas é plantar batatas!

À face da Terra, a atmosfera era glacial. O Sol, que tem medo das grosserias e dos arraiais de pancada, recusava-se agora a brilhar. Lembrava-se de outros tempos, em que era acolhido de braços abertos:

— Está bom tempo! Que maravilha! Obrigada, amigo Sol... Oh, meu Deus, como gosto do Sol...

Em vez disso, ouvia-se agora:

— Que calor horrível! Bolas! Kêkalôr!

Então as nuvens invadiram o céu, e a terra mergulhou num período glacial. Toda a gente tinha frio. As pessoas recusavam-se a despir-se, já não faziam festas umas às outras, já não nasciam bebês. A Terra estava tão triste, sem flores nem palavras cor-de-rosa!

No entanto, algures no mundo, um rapazinho não queria habituar-se às palavras cinzentas. Talvez por, no seu bolso, ter ficado uma palavra cor-de-rosa meio gelada. “Eu”, dizia Pedro, “não quero um mundo onde mais ninguém canta; onde não se diz bom dia, nem obrigado, onde há sempre tanto frio. Vou ver se encontro o Sol.” O rapazinho caminhou durante muito tempo, escalou colinas geladas, pequenas e grandes montanhas, vulcões extintos. Por fim, ao cabo de meses e meses de árdua caminhada, chegou exausto e transido à casa das nuvens.

— Toc, toc — bateu. — Venho à procura do Sol.

— Oh, oh! — exclamou a nuvem-chefe, que tinha tomado posse do céu cinzento. — Olhem só para isto... Um fedelho ridículo que vem à procura do senhor Sol! O Sol não aparece a ninguém! Desde que as palavras cinzentas tomaram o poder, somos nós, as nuvens pardacentas, que somos os chefes.

Dito isto, virou as costas e fechou-lhe a porta na cara.

O rapazinho sentou-se, confuso. Como responder? Não trazia no bolso uma única palavra cinzenta. Então, começou a chorar. A nuvem olhou para ele surpreendida: já há muito tempo que não via ninguém chorar! Naquele universo glacial, todos os olhos estavam gelados, todos os corações estavam frios.

— Pára com isso imediatamente! — gemeu a nuvem. — Se não, vou fazer cair um aguaceiro. (Porque as nuvens têm habitualmente a lágrima ao canto do olho.)

Finalmente comovida, tomou, lá no íntimo, a decisão de o ajudar.

— Olha — disse-lhe. — Aquela bolinha amarela ali em baixo é o Sol.

Pedro abriu os olhos e viu de facto uma bola de bilhar perdida na imensidão do azul: era o Sol, que estava a desaparecer por causa dos maus-tratos.

Já no limite das forças, o rapazinho caminhou em direcção da pequena bola amarela.

— Bom dia — cumprimentou. — Vim buscar-te. Tudo se tornou cinzento na Terra. Temos frio, sentimo-nos mal. Nunca nos rimos, nunca dizemos palavras delicadas. Precisamos de voltar.

E o Sol e o rapazinho começaram ambos a suspirar, pensando naquela “época cor-de-rosa”.

— Precisamos de voltar — insistiu Pedro.

— Vou, a título de experiência — resmungou o Sol. — Mas atira primeiro para a Terra estas palavras cor-de-rosa. Assim, o meu regresso será mais agradável.

O Sol deu ao menino um conjunto de palavras cor-de-rosa: Por favor, É simpático da tua parte, Muito obrigado, Gosto muito de ti, Amor da minha vida, Se não se importa, etc. O rapazinho meteu-as nos bolsos, na boca, no boné, nas meias, em todo o lado. As que ele conseguisse levar.

Regressou à Terra e distribuiu-as ao acaso.

De repente, nos engarrafamentos, as pessoas começaram a desdobrar os papelinhos cor-de-rosa: Faz favor de passar, Que tempo tão bonito, não acha?, Pode ir à minha frente, não tenho pressa nenhuma...

Nos recreios, começaram a ouvir-se novamente risos simpáticos e palavras como És o meu melhor amigo, Claro que podes entrar no jogo...

Em casa, as crianças voltaram a usar palavras cor-de-rosa: Obrigada, mamã, Por favor, Desculpa, não fiz de propósito...

Nos aniversários, cantava-se alegremente e, nas festas da passagem do ano, formulava-se votos de felicidade e de saúde.

O Sol voltou a brilhar e a deitar-se todas as noites na sua nuvem cor-de-rosa. E, juro-te, os vendedores de palavras cor-de-rosa começaram a fazer fortuna! Abriram-se mesmo outras lojas especializadas em sorrisos, em suspiros de satisfação, em delicadeza, em cortesia, em civismo... Foi como mel no coração.

Quanto às palavras cinzentas, decidiram, diante de tanta felicidade, desarvorar com quantas patas cinzentas e peludas tinham. E, quando alguma se lembrava de vir meter o nariz, garanto-vos que não ficava por muito tempo.

## ANEXO 4

### **Apresentação em slides:**

## **BULLYING**

É um termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully – “tiranete” ou “valentão”) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo) capaz de se defender.

## **CARACTERIZAÇÃO**

O comportamento é agressivo e negativo.

O comportamento é executado repetidamente.

O comportamento ocorre num relacionamento onde há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Conforme o Blog Arte de ser Educador, se o comportamento agressivo não é desafiado (corrigido) na infância, há o risco de que ele se torne habitual. Realmente, há evidência documental que indica que a prática do *bullying* durante a infância põe a criança em risco de comportamento criminoso e violência doméstica na idade adulta.

Os que sofrem de *bullying* acabam desenvolvendo problemas psíquicos muitas vezes irreversíveis, que podem até levar a atitudes extremas de “*bullycidio*”, como o que ocorreu com Jeremy Wade Delle. Jeremy se matou em 08/01/91, aos 15 anos, numa escola na cidade de Dallas, Texas (EUA), dentro da sala de aula e em frente de 30 colegas e da professora de inglês, como forma de protesto pelos atos de perseguição que sofria constantemente. Esta história inspiou uma música “*Jeremy*”, interpretada por Eddie Vedder, vocalista da banda estadunidense Pearl Jam.

No Brasil, uma pesquisa realizada em 2010 com 5168 alunos de 25 escolas públicas e particulares revelou que as humilhações típicas de *bullying* são comuns em alunos de 5ª e 6ª séries. Entre todos os entrevistados, pelo menos 17% estão envolvidos com o problema – sendo vítima, sendo agressor ou ambos. A forma mais comum é a Cibernética, a partir do envio de e-mails ofensivos e difamação em sites de relacionamento, como no Orkut.

Em 2009, uma pesquisa pelo IBGE apontou as cidades de Brasília e Belo Horizonte como as capitais brasileiras com maiores índices de *bullying*, com 35,6% e 35,3%, respectivamente, de alunos que declararam esse tipo de violência.

Na grande São Paulo, uma menina apanhou até desmaiar, por colegas que a perseguiam. Em Porto Alegre, um jovem foi morto com arma de fogo durante um longo processo de *bullying*.

## **CONDENAÇÕES LEGAIS**

Dado que a cobertura da mídia tem exposto o quão disseminada é a prática do *bullying*, os jurís estão agora mais inclinados do que nunca a simpatizar com as vítimas.

Em maio de 2010 a Justiça obrigou os pais de um aluno do *Colégio Santa Doroteia*, de Belo Horizonte a pagar uma indenização de R\$ 8 mil a uma garota de 15 anos. A estudante foi classificada como G.E. (Grupo de Excluídos) por ser supostamente feia.

## **A ESCOLA NÃO ENSINA**

Aqui estão alguns conselhos que *Bill Gates* ditou em uma conferência numa escola secundária.

Ele fala sobre como a “política educacional de vida fácil para as crianças” tem criado uma geração sem conceitos da realidade, e como esta política tem levado as pessoas a falharem em suas vidas posteriores à escola.

Todos esperavam que ele fosse fazer um discurso de uma hora ou mais, mas ele falou por menos de 5 minutos, foi aplaudido de pé por mais de 10 minutos sem parar, agradeceu e foi embora.

Regra 1 - A vida não é fácil, acostume-se com isso!

Regra 2 – O mundo não está preocupado com a sua autoestima. O mundo espera que você faça alguma coisa útil, por ele, antes de sentir-se bem com você mesmo.

Regra 3 – Você não ganhará uma fortuna por mês assim que sair da escola. Você não será vice-presidente de uma empresa, com carro e telefone à disposição, antes que você tenha conseguido comprar seu próprio carro e telefone.

Regra 4 – Se você acha seu professor rude, espere até ter um CHEFE. Ele não terá pena de você.

Regra 5 – Vender jornal velho ou trabalhar durante as férias não está abaixo da sua posição social. Seus avós têm uma palavra diferente para isso: eles chamam de oportunidade.

Regra 6 – Se você fracassar, não é culpa de seus pais. Então não lamente seus erros, aprenda com eles.

Regra 7 – Antes de você nascer, seus pais não eram tão críticos como agora. Eles só ficaram assim por pagar as suas contas, lavar suas roupas e ouvir você dizer que eles são “ridículos”. Então, antes de salvar o planeta para a próxima geração querendo consertar os erros da geração de seus pais, tente limpar seu próprio quarto.

Regra 8 – Sua escola pode ter eliminado a distinção entre vencedores e perdedores, mas a vida não é assim. Em algumas escolas você não repete mais de ano e tem quantas chances precisar até acertar. Isto não se parece com absolutamente nada na vida real. Se pisar na bola, está despedida. Rua! Faça certo da primeira vez.

Regra 9 – A vida não é dividida em semestres. Você não terá sempre os verões livres e é pouco provável que outros empregados o ajudem a cumprir suas tarefas no fim de cada período.

Regra 10 – Televisão não é vida real. Na vida real as pessoas têm que deixar o barzinho ou a boate e ir trabalhar.

Regra 11 – Seja legal com os CDFs (aqueles estudantes que os demais julgam que são uns babacas). Existe uma grande probabilidade de você vir a trabalhar para um deles.

## **NICK VUIJICIC**

Nicholas James Vuijicic (04/12/82 – Austrália) nasceu sem braços e pernas. Teve que viver com muitas dificuldades e sofrimentos em toda a sua infância. No entanto, ele conseguiu superar as dificuldades e, aos dezesseis anos, começou a sua própria organização sem fins lucrativos: *LIFE WITHOUT LIMBS*.

Depois da escola, Nick frequentou a universidade e graduou-se. A partir daí, ele começou suas viagens como palestrante motivacional. Atualmente, ele regularmente dá palestras sobre temas, tais como: deficiência, esperança e sentido de vida.

*“Seja forte! Nunca desista! Se você cair, levante-se! E pare de reclamar da vida!”*

## **PARA O RESTO DE NOSSAS VIDAS...**

Existem coisas pequenas e grandes, coisas que levaremos para o resto de nossas vidas. Talvez sejam poucas, quem sabe sejam muitas, depende de cada um, depende da vida que cada um de nós levou.

Levaremos lembranças, coisas que sempre serão inesquecíveis para nós, coisas que nos marcarão, que mexerão com nossa existência em algum instante. Provavelmente iremos pela vida afora colecionando essas coisas, colocando em ordem de grandeza cada detalhe que nos foi importante. Cada momento que interferiu nos nossos dias, que deixou marcas, cada instante que foi cravado em nosso peito como uma tatuagem

Marcas, isso... Serão marcas. Umhas mais profundas, outras superficiais. Porém, com algum significado também. Guardaremos dentro de nós e se contarmos para outros, talvez não tenha a menor importância, pois só nós saberemos o quanto foi incrível vivê-las.

Poderá ser uma música, quem sabe um livro, talvez uma poesia, uma carta, um e-mail, uma viagem, uma frase que alguém tenha nos dito num momento certo. Poderá ser um raiar de sol, um buquê de flores que se recebeu, um cartão de Natal, uma palavra amiga num momento preciso.

Talvez venha a ser um sentimento de abandono, uma decepção, a perda de alguém querido, um certo encontro casual, um desencontro proposital. Quem sabe uma amizade incomparável, um sonho que foi alcançado após muita luta ou um que deixou de existir por puro fracasso. Pode ser simplesmente um instante, um olhar, um sorriso, um perfume, um beijo,...

Para o resto de nossas vidas guardaremos pessoas dentro de nós. Umhas porque dedicaram um carinho enorme, outra porque foram o objeto do nosso amor, ainda outras por terem nos magoado profundamente. Haverão algumas que deixarão marcas profundas por terem sido tão rápidas em nossas vidas e terem conseguido, ainda assim, plantar dentro de nós tanta coisa boa.

Lá na frente é que poderemos realmente saber a qualidade de vida que tivemos, a quantidade de marcas que conseguimos carregar conosco e a riqueza que cada uma delas guardou dentro de si.

Bem lá na frente é que podemos avaliar do que exatamente foi feita a nossa vida, se de amor ou de rancor, se de alegrias ou de tristezas, se de vitórias ou de derrotas, se de ilusão ou realidade.

Pensem sempre que hoje é só o começo de tudo, que se houver algo errado, ainda está em tempo de ser mudado e que o resto de nossas vidas, de certa forma, ainda está em nossas mãos.

“Cada um de nós compõe a sua história. E cada ser, em si, carrega o dom de ser capaz de ser feliz...”

Fontes de pesquisa para o PowerPoint. Acessados em 21/08/2010.

<http://www.aartedesereducador.blogspot.com.br>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/jeremy\\_wade\\_dell](http://pt.wikipedia.org/wiki/jeremy_wade_dell)

<http://www.slideshare.net/eduoliv/pesquisa-bullying-escolarnobrasil>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/bullying>

<http://www.canalzero.com.br>

<http://www.monicafuchs.com.br>

**ANEXO 5**

Vídeo de uma palestra, para estudantes, de Nick Vuijicic. Acessado em 21/08/2010.  
<http://www.youtube.com/watch?v=fofeRC78tCQ&feature=fvw>

